



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Variáveis determinantes da Literacia Financeira em Portugal

Maria Inês Francisco Baptista Gouveia

Mestrado em Gestão

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Paulo Viegas Ferreira de Carvalho, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Agosto, 2025

Departamento de Marketing, Operações e Gestão Geral

Variáveis determinantes da Literacia Financeira em Portugal

Maria Inês Francisco Baptista Gouveia

Mestrado em Gestão

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Paulo Viegas Ferreira de Carvalho, Professor Auxiliar Convidado,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Agosto, 2025

Agradecimentos

A presente dissertação marca a conclusão de uma etapa particularmente significativa no meu percurso académico e pessoal. Neste contexto, é com um profundo reconhecimento que dirijo algumas palavras de agradecimento a todos aqueles que, de diferentes formas, contribuíram para a concretização desta investigação.

Em primeiro lugar, expresso o meu sincero agradecimento ao Instituto Universitário de Lisboa, instituição que me acolheu ao longo deste percurso académico e que me proporcionou as ferramentas e os conhecimentos essenciais para o desenvolvimento desta investigação. Agradeço, em particular, ao meu orientador, Professor Doutor Paulo Viegas de Carvalho, pela sua orientação rigorosa, pela disponibilidade contante e pelo acompanhamento dedicado e crítico ao longo de todo o processo. A sua orientação foi fundamental para a concretização desta dissertação, contribuindo de forma decisiva para a qualidade do trabalho desenvolvido.

Gostaria de expressar o meu profundo agradecimento à minha família pelo seu apoio incondicional e pela compreensão demonstrada ao longo desta jornada. Em especial, destaco os meus profundos agradecimentos à minha mãe, à minha irmã, ao meu cunhado, à minha tia e à minha prima, que estiveram comigo desde o primeiro dia e contribuíram e muito para esta conquista.

Não posso deixar de expressar também um especial agradecimento ao meu namorado, pelo seu apoio constante, pela paciência e ajuda demonstrada ao longo deste processo e pelo seu amor e carinho incondicional que sempre me proporcionou.

A todos, o meu sincero e especial obrigado!

Resumo

A presente dissertação visa analisar os fatores determinantes da literacia financeira na população portuguesa, explorando como as variáveis sociodemográficas e comportamentais influenciam os níveis individuais de literacia. Num contexto de crescente complexidade económica e diversificação dos produtos financeiros, a capacidade de tomar decisões informadas e responsáveis sobre rendimento, poupança e crédito é fundamental para o bem-estar financeiro.

Com base na revisão da literatura, a literacia financeira é definida como uma combinação de conhecimentos, atitudes, comportamentos e competências que permitem aos indivíduos gerir eficazmente as suas finanças pessoais (Huston, 2010; Lusardi & Mitchell, 2014). A investigação adotou uma abordagem quantitativa, através da aplicação de um questionário online a uma amostra não probabilística de 420 indivíduos residentes em Portugal, com idades entre os 18 e os 65 anos. Os dados foram analisados com o auxílio dos *softwares Microsoft Excel, IBM SPSS e Python*.

Os resultados demonstram relações estatisticamente significativas entre o nível de literacia financeira e variáveis como a idade, o grau de escolaridade e a região de residência. Embora a maioria dos inquiridos revele uma perceção positiva sobre os seus conhecimentos financeiros, persistem lacunas no que diz respeito à formação formal. Além disso, hábitos de poupança regulares e a definição de objetivos financeiros estão associados a maior resiliência financeira.

Conclui-se que a promoção da literacia financeira requer programas de educação adaptados aos diferentes perfis da população, promovendo a inclusão e o bem-estar económico.

Palavras-Chave: Literacia Financeira; Educação Financeira; Comportamento Financeiro; Fatores Sociodemográficos; Poupança; Resiliência Financeira

Classificação JEL: G53 (Literacia Financeira); D14 (Poupança, comportamento de consumo ou endividamento); D91(Comportamento intertemporal ou modelos de decisão); C83 (Inquérito por Questionário)

Abstract

This dissertation aims to analyze the determinants of financial literacy in the Portuguese population, exploring how sociodemographic and behavioral variables influence individual literacy levels. In a context of growing economic complexity and diversification of financial products, the ability to make informed and responsible decisions about income, savings and credit is fundamental to financial well-being.

Based on the literature review, financial literacy is defined as a combination of knowledge, attitudes, behaviors and skills that enable individuals to effectively manage their personal finances (Huston, 2010; Lusardi & Mitchell, 2014). The research adopted a quantitative approach, applying an online questionnaire to a non-probabilistic sample of 420 individuals living in Portugal, aged between 18 and 65. The data was analyzed using Microsoft Excel, IBM SPSS and Python software.

The results show statistically significant relationships between the level of financial literacy and variables such as age, level of education and region of residence. Although the majority of respondents have a positive perception of their financial knowledge, there are still gaps when it comes to formal training. In addition, regular savings habits and setting financial goals are associated with greater financial resilience

The conclusion is that promoting financial literacy requires education programs adapted to the different profiles of the population, promoting inclusion and economic well-being.

Keywords: Financial Literacy; Financial Education; Financial Behavior; Sociodemographic Factors; Savings; Financial Resilience

JEL classification: G53 (Financial Literacy); D14 (Savings, consumption behavior or indebtedness); D91(Intertemporal behavior or decision models); C83 (Questionnaire Survey)

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo.....	v
Abstract	vii
Índice de Figuras	xi
Índice de Tabelas	xi
Índice de Gráficos	xi
Glossário.....	xiii
1. Introdução	1
2. Revisão da literatura	3
2.1. Literacia Financeira: Conceito	3
2.1.1. Comportamento Financeiro e Influência Social	5
2.1.2. Diferença entre Literacia Financeira e Conhecimento Financeiro	6
2.1.3. Educação Financeira e Literacia Financeira	7
2.2. Contexto e Importância da Literacia Financeira.....	9
2.3. Variáveis da Literacia financeira	10
3. Metodologia de Investigação	11
3.1. Objetivos de Investigação.....	11
3.2. Pergunta de Partida.....	11
3.3. Hipóteses de Investigação	12
3.4. Processo de recolha de dados da amostra.....	12
3.5. Universo, Amostra e Horizonte Temporal em estudo.....	13
3.6. Fundamentação Metodológica.....	14
3.7. Tratamento da informação	17
4. Apresentação de Resultados	19
4.1. Caracterização demográfica e socioeconómica da amostra	19
4.2. Caracterização das Atitudes e Conhecimentos Financeiros da amostra	28

4.3. Caracterização da Poupança, Gestão de Rendimentos e Resiliência financeira da amostra	33
4.4. Caracterização da Literacia financeira da amostra	38
4.5. Correlação entre variáveis	40
4.5.1. Verificação das hipóteses	43
5. Discussão dos Resultados	44
5.1. Parte B - Discussão das Atitudes e Conhecimentos Financeiros da amostra	44
5.2. Parte C - Discussão da Poupança, Gestão de Rendimentos e Resiliência financeira da amostra.....	45
5.3. Parte D - Discussão da Literacia financeira da amostra	47
6. Conclusão.....	49
7. Referências Bibliográficas	51
8. Anexos	55
Anexo A: Gráficos	55
Anexo B: Questionário	57
Anexo C: Correlação B4.1- “Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras?” X A3- “Qual a sua faixa etária?”	67
Anexo D: Correlação B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A4- “Qual o seu nível de escolaridade?	68
Anexo E: Correlação B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A2 – “Qual a região onde vive atualmente”	70

Índice de Figuras

Figura 1 - Elementos da Literacia Financeira	5
---	---

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Construto metodológico.....	17
---	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - A2. Qual a sua região onde vive atualmente.....	20
Gráfico 2 – A1. Qual o seu género	20
Gráfico 3 – A3. Qual a sua faixa etária	20
Gráfico 4 – A4. Qual o seu nível de escolaridade	21
Gráfico 5 – A5. Indique a sua área principal de escolaridade/estudos	21
Gráfico 6 – A6. Qual o seu estado civil.....	22
Gráfico 7 – A7. Em que situação laboral ou ocupacional se encontra	23
Gráfico 8 – A8. Qual o seu rendimento mensal líquido	23
Gráfico 9 – A9. Tem algum rendimento extra	24
Gráfico 10 – A9.1 Se sim, qual o rendimento	25
Gráfico 11 – A10. Possui dependentes financeiros (Filhos, Pais, outros).....	25
Gráfico 12 – A10.1 Se sim, quantos.....	26
Gráfico 13 – A11. Com quem habita normalmente.....	27
Gráfico 14 – A11.1 Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluído o próprio)	27
Gráfico 15 - A11.2 Quantos dependentes (menores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluído o próprio).....	28
Gráfico 16 – B1. Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro	29
Gráfico 17 – B2. Quem é responsável por tomar decisões no seu dia-a-dia sobre o dinheiro	29
Gráfico 18 – B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros.....	30
Gráfico 19 - B4.1 Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras	31
Gráfico 20 - B5. Já tomou decisões financeiras importantes	31
Gráfico 21 – B6.1 O seu agregado familiar tem o hábito de falar sobre dinheiro ou ensinar sobre finanças.....	32
Gráfico 22 – B6. Teve algum tipo de educação financeira (na escola ou noutro contexto)....	32
Gráfico 23 – B6.2 Aprendeu sobre finanças por conta própria ou com ajuda de terceiros.....	33

Gráfico 24 – C1.1 Se sim, com que frequência costuma colocar dinheiro de parte para as suas poupanças	34
Gráfico 25 – C1. Consegue poupar regularmente uma parte do seu rendimento.....	34
Gráfico 26 – C2. No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas? Resposta mesmo que já tenha gasto esse dinheiro	34
Gráfico 27 – C4. Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como, por exemplo, comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou pagar os empréstimos. Tem algum objetivo financeiro.....	35
Gráfico 28 – C3. Se hoje tivesse uma despesa inesperada no montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos.....	35
Gráfico 29 – C5. Às vezes as pessoas chegam à conclusão de que o seu rendimento não é suficiente para cobrir o seu custo de vida. No último ano essa situação aconteceu-lhe.	36
Gráfico 30 – C5.1 Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema.....	37
Gráfico 31 – C6. Se perdesse a sua principal fonte de rendimento, por quanto tempo poderia cobrir as suas despesas, sem pedir dinheiro emprestado.....	37
Gráfico 32 – C7. Qual a sua posição quando recebe um rendimento inesperado (bónus, presente, etc.).....	38
Gráfico 33 – D2. Na sua opinião, a Literacia Financeira é algo que deveria ser ensinado nas escolas	39
Gráfico 34 – D1. Alguma vez ouviu falar sobre o tema de Literacia financeira.....	39
Gráfico 35 – D3. Já teve algum tipo de formação sobre literacia financeira	40
Gráfico 36 – B3. Alguma das seguintes afirmações se aplica a si ou ao seu agregado familiar	55
Gráfico 37 – C4.1 Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros.....	56

Glossário

ENL – Estudo Nacional de Literacia

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PISA - *Programme for International Student Assessment*

1. Introdução

Nas últimas décadas, a crescente complexidade dos mercados financeiros, a diversidade de produtos e serviços bancários e a generalização do acesso a instrumentos digitais de gestão financeira têm acentuado a importância da literacia financeira como competência essencial para a prática de uma cidadania económica informada e responsável. A capacidade de gerir o rendimento, planear as despesas, poupar, investir e tomar decisões conscientes em matéria financeira tornou-se indispensável, não apenas para o bem-estar individual, mas também para a estabilidade das economias familiares e, consequentemente, na sociedade.

A crise financeira internacional de 2008, os episódios de sobre-endividamento das famílias e os desafios económicos recentes, como a pandemia do COVID-19 ou a inflação global, contribuíram para evidenciar as fragilidades da população no domínio da gestão financeira. Neste contexto, a literacia financeira assume um papel estruturante na prevenção de comportamentos de risco, na construção de resiliência económica e na promoção da inclusão financeira, sendo amplamente reconhecida como prioridade por organizações internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2020), e integrada em diversas estratégias nacionais.

Segundo Huston (2010), a literacia financeira pode ser definida como a união de conhecimentos e capacidades que permitem aos indivíduos compreender, avaliar e aplicar a informação relevante para a tomada de decisões financeiras. Lusardi e Mitchell (2014) reforçam esta visão ao destacarem a literacia financeira como um fator determinante na poupança para a reforma, na gestão do crédito e na capacidade de lidar com imprevistos. Trata-se, assim, de um conceito multidimensional, que envolve dimensões cognitivas, atitudinais e comportamentais, sendo influenciado por fatores como idade, género, nível de escolaridade, rendimento, localização geográfica e experiências prévias com produtos financeiros (Potrich, Vieira & Kirch, 2016; Remund, 2010).

A presente dissertação tem como objetivo analisar os fatores que determinam os níveis de literacia financeira na população portuguesa, procurando compreender de que modo variáveis de natureza sociodemográfica e comportamental influenciam esse fenómeno. Mais do que aferir o grau de conhecimento técnico dos indivíduos, pretende-se compreender os padrões de comportamento financeiro, a perceção de competência pessoal e a capacidade de planear e gerir recursos financeiros ao longo do tempo.

Com base numa abordagem quantitativa, foi aplicado um inquérito por questionário online a uma amostra não probabilística composta por 420 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 65 anos residentes em Portugal. Os dados recolhidos foram tratados e analisados com recurso a ferramentas estatísticas, nomeadamente os *softwares Microsoft Excel, IBM SPSS e Python*, permitindo identificar associações significativas entre variáveis e traçar perfis diferenciados da literacia financeira.

Esta investigação encontra-se organizada por seis capítulos, sendo que o primeiro capítulo corresponde à presente introdução, seguindo-se pela revisão de literatura, na qual se definem os principais conceitos teóricos e se discutem os contributos académicos mais relevantes sobre o tema. Posteriormente, temos o terceiro capítulo que descreve a metodologia adotada, incluindo a definição da amostra, o instrumento de recolha de dados e os procedimentos de análise. De acordo com o quarto capítulo, este apresenta a análise dos resultados obtidos no questionário, bem como as correlações das variáveis de forma a testar as hipóteses. O quinto capítulo é composto pela discussão dos resultados tendo como base a revisão de literatura. Por fim, o capítulo sexto sistematiza as principais conclusões do estudo, identifica limitações e salienta possíveis direções para investigações futuras.

2. Revisão da literatura

A literacia financeira tem vindo a ganhar uma grande notoriedade enquanto competência essencial para o bem-estar financeiro, tanto a nível individual como coletivo, num mundo caracterizado pela constante evolução, pela abundância de informação e pela complexidade das decisões económicas. O domínio de conceitos básicos sobre o orçamento, a poupança, o investimento e à utilização do crédito revela-se, atualmente, indispensável para a tomada de decisões conscientes e sustentadas, contribuindo para a promoção da autonomia financeira dos indivíduos e para a estabilidade das sociedades.

Neste contexto, o presente capítulo tem como objetivo realizar uma análise aprofundada da literatura existente sobre a literacia financeira, procurando identificar os principais contributos teóricos e empíricos que sustentam este domínio de estudo. Primeiramente, será abordado o conceito de literacia financeira, destacando-se a sua evolução ao longo do tempo, a relevância que assume no contexto atual e as diversas variáveis que lhe estão associadas, nomeadamente as de ordem sociodemográfica e comportamental.

De seguida, serão apresentados estudos empíricos que avaliam os níveis de literacia financeira em diferentes grupos populacionais e contextos, evidenciando os principais desafios enfrentados, bem como oportunidades de intervenção educativa e social.

Por fim, serão discutidas as implicações da literacia financeira em áreas fundamentais como a educação, a economia e a formulação de políticas públicas, destacando a importância de estratégias integradas e sustentadas para a promoção desta competência na sociedade.

2.1. Literacia Financeira: Conceito

A literacia financeira tem vindo a assumir um papel cada vez mais relevante no quotidiano dos indivíduos, sendo, por isso, fundamental compreender e analisar o seu conceito. No entanto, a sua definição continua a gerar debate entre diversos autores, não existindo ainda um consenso comum (Hung et al., 2009; Huston, 2010).

Uma das primeiras definições foi publicada em 1992, referindo-se à capacidade de realizar julgamentos informados e tomar decisões eficazes na gestão e do uso de dinheiro (Noctor et al, 1992). Vitt et. Al. (2000) consideram a literacia financeira como a competência para fazer escolhas adequadas em assuntos financeiros e discutir questões económicas atuais, salientando a sua ligação à capacidade de planear o futuro com base em decisões ajustadas às circunstâncias económicas. Adicionalmente, Mason e Wilson (2000), contribuíram para a definição do

conceito, ao realçarem a importância da recolha, compreensão e avaliação da informação necessária à tomada de decisões financeiras conscientes.

Segundo Thaden e Rookey (2005), a literacia financeira corresponde à compreensão de factos financeiros, conceitos, princípios e ferramentas tecnológicas que são essenciais para tomar decisões financeiras. Orton (2007) reforça essa ideia, associando a literacia à capacidade de compreender, analisar e comunicar informações financeiras, bem como tomar decisões fundamentadas e planear o futuro.

Por outro lado, Huston (2010) propõe uma abordagem que integra duas dimensões: a compreensão e a aplicação. A compreensão envolve o conhecimento das finanças pessoais, enquanto a aplicação refere-se à prática desse conhecimento. Assim, a autora pressupõe que a literacia não depende apenas do conhecimento financeiro, pois contempla também a capacidade de tomar decisões financeiras informadas com base nesse conhecimento.

Remund (2010), apresenta uma definição estruturada que contempla duas partes, a conceptual e a operacional. No que diz respeito à dimensão conceptual, esta apresenta uma grande prosperidade devido à crescente complexidade económica e engloba cinco áreas: “(1) conhecimento de conceitos financeiros; (2) capacidade para comunicar sobre conceitos financeiros; (3) aptidão para gerir as finanças pessoais; (4) capacidade para tomar decisões financeiras apropriadas; e (5) confiança em planear com eficiência o futuro das necessidades financeiras” (Remund, 2010, Pg.279). Por seu turno, o conceito operacional, é constituído por quatro categorias: o orçamento, a poupança, os empréstimos e os investimentos. (Remund, 2010). Assim sendo, apresenta como foco os comportamentos e a capacidade de gestão financeira dos indivíduos.

Rahmandoust et al. (2011) acrescenta que a literacia financeira envolve a capacidade de ler, analisar, gerir e debater questões financeiras com impacto direto no bem-estar económico dos indivíduos, permitindo-lhes compreender diferentes alternativas e tomar decisões adequadas para um melhor planeamento para o futuro.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) (2013), define a literacia financeira como um conjunto de conhecimentos e compreensões sobre conceitos e riscos financeiros, aliados às competências, motivação e confiança necessárias para aplicar esse conhecimento de forma eficaz em diferentes contextos, com vista à melhoria do bem-estar financeiro e à participação ativa na vida económica. Esta definição é também adotada

pelo *Programme for International Student Assessment* (PISA) (OCDE,2013), reforçando a ligação entre o conhecimento, a ação e o impacto social.

Lusardi e Mitchell (2014) afirmam que a literacia financeira consiste nas competências das pessoas para processar informações económicas e tomar decisões informadas sobre o planeamento financeiros, acumulação de riqueza, endividamento e pensões. Já o Banco de Portugal (2023) reforça que esta competência envolve uma variedade de conhecimentos, comportamentos e atitudes essenciais para as decisões financeiras informadas, influenciando assim a prosperidade financeira individual.

Świecka (2019) resume a definição de literacia financeira em quatro elementos: conhecimento financeiro, competências financeiras, atitude financeira e comportamento financeiro, conforme ilustrado na Figura 1.

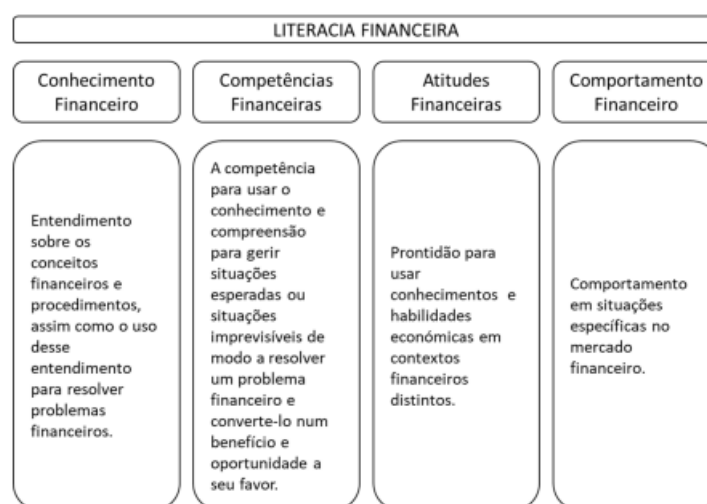


Figura 1 - Elementos da Literacia Financeira

Fonte: Adaptado de Świecka (2019)

2.1.1. Comportamento Financeiro e Influência Social

O comportamento financeiro caracteriza-se pela adoção consistente de hábitos de poupança, planeamento orçamental e definição de prioridades financeiras. Engloba ainda atitudes empreendedoras, ética de trabalho e a tomada de decisões responsáveis, bem como comportamentos orientados para a caridade, a empatia e a compaixão (APEC, 2014).

Ajzen (1991, 2002) evidencia também que o comportamento financeiro pode ser explicado através de três fatores: (I) a norma subjetiva, da qual corresponde à pressão social para a realização do comportamento; (II) a atitude, onde se compreende a avaliação do comportamento

seja de forma positiva ou negativa; e por fim, (III) o controle percebido do comportamento que se traduz na percepção que leva à realização de tal comportamento.

De acordo com Porto e Xiao (2016), o comportamento financeiro, juntamente com a literacia financeira, constitui a capacidade financeira e compreende a forma como os indivíduos gerem o rendimento, os gastos, a poupança e a proteção dos seus recursos. Segundo a OECD (2016) a poupança é reconhecida como um comportamento financeiro positivo que contribui para a melhoria da qualidade de vida das famílias, tanto no curto como no longo prazo.

Por outro lado, Krisch (2001) defende que a literacia financeira não se encontra apenas interligada com o conhecimento adquirido durante o período de escolaridade, mas que está relacionada com um conjunto de capacidades, conhecimentos e estratégias que os indivíduos desenvolvem ao longo da sua vida, em diferentes contextos sociais. Em conformidade com Delavande et al. (2008), a literacia financeira é evidenciada como “um tipo particular de capital humano” (Tavares & Almeida, 2021, Pg. 74) que é desenvolvida ao longo do tempo, através da aprendizagem de proposições que tem influência na competência em gerir receitas, despesas e poupança de forma eficiente.

Embora o conhecimento financeiro seja frequentemente considerado o principal fator a determinar a literacia financeira e as decisões de investimento, vários estudos destacam a relevância dos aspetos sociais neste processo. A influência social, exercida por familiares, amigos e até pelas redes sociais, apesar de com um impacto inferior ao do conhecimento técnico, desempenha um papel significativo no desenvolvimento da literacia financeira e na formação de atitudes relacionadas com a gestão do dinheiro. Como evidenciado por Alshebami e Aldhyani (2022), a influência social tem um impacto relevante na construção da literacia e na formação das atitudes dos indivíduos, o que consequentemente, afeta a sua intenção de investir. Estes resultados mencionam a importância de considerar não só os conhecimentos individuais, mas também em contextos sociais ao analisar o comportamento financeiro.

2.1.2. Diferença entre Literacia Financeira e Conhecimento Financeiro

Huston (2010) evidenciou a pertinência de compreender a diferença entre a literacia financeira e o conhecimento financeiro. Enquanto o conhecimento financeiro diz respeito ao domínio de conceitos e informações financeiras, a literacia financeira acrescenta a competência prática para utilizar esse saber no quotidiano.

De acordo com Tavares et al. (2022), o conhecimento financeiro constitui a base essencial da literacia financeira, permitindo a compreensão de temas como juros, inflação ou risco. No entanto, estes autores enfatizam que a literacia financeira inclui também atitudes, comportamentos e decisões conscientes fundamentadas nesse conhecimento. A OCDE (2021) menciona que o conhecimento financeiro vai além de uma simples acumulação de informação, visto que é fundamental para o desenvolvimento da literacia financeira, que envolve não apenas o conhecimento, mas também atitudes e comportamentos financeiros que influenciam diretamente as decisões do indivíduo.

Orton (2007) acrescenta que a literacia financeira inclui a capacidade crítica de considerar fontes de informação e conselhos financeiros, o que exige mais do que apenas saber os conceitos: exige análise interpretação e ação responsável.

Potrichi, Vieira e Kirch (2016) afirmam que a alfabetização financeira corresponde a uma combinação de indicadores como a consciência, conhecimento, competência e atitude, que delineiam o comportamento das pessoas na tomada de decisão, com o propósito de garantir a estabilidade financeira.

Por fim, de acordo com Świecka (2019) o conhecimento financeiro envolve a compreensão e a perceção dos conceitos económicos e dos mecanismos da economia. Este conhecimento permite aos indivíduos compreenderem os conceitos e procedimentos financeiros, bem como aplicar esse saber na resolução de problemas financeiros. Trata-se de saber como gerir o dinheiro em diversas situações, incluindo o acompanhamento das questões financeiras do quotidiano no mercado e a tomada de decisões adequadas para as necessidades de pessoas com “alfabetização financeira”. O conhecimento financeiro é composto por três partes principais: 1ª Conhecimento financeiro conceptual; 2ª Conhecimento financeiro procedimental; 3ª Conhecimento financeiro aplicado.

2.1.3. Educação Financeira e Literacia Financeira

A educação financeira é outro aspeto relacionado com a literacia financeira. Em conformidade com Yong e Mohd (2018), a educação financeira proporciona às pessoas um maior conhecimento sobre os produtos financeiros, conceitos de riscos e melhoram as práticas associadas à tomada de decisões nas finanças pessoais. O principal intuito da educação financeira, de acordo com Mihaljová, Csikósová e Antošovác (2014), traduz-se em preparar os consumidores a realizar decisões informadas e responsáveis, tendo em conta a sua situação financeira atual e gerir as suas finanças para o futuro. Potrich et al (2016), referem que o

indicador da educação financeira é colocado em prática na literacia financeira. Huston (2010) afirma que a educação financeira é o principal fator que influencia a literacia financeira.

Importa mencionar que a OCDE (2005) definiu a educação financeira como “o processo pelo qual os consumidores e investidores financeiros melhoram a sua compreensão de produtos e conceitos financeiros e, através da informação, instrução e/ou conselhos objetivos, desenvolvem capacidades e confiança para se tornarem mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, para fazerem escolhas informadas, para saber onde procurar ajuda, e para tomar outras ações efetivas que melhorem o seu bem-estar financeiro” (OCDE, 2005, Pg. 13).

A educação financeira é reconhecida como um complemento à proteção do consumidor financeiro, à inclusão e à regulação, como forma de melhorar a tomada de decisões individuais e o bem-estar, e de apoiar a estabilidade e o desenvolvimento financeiro (OCDE, 2015)

Os governos de todo o mundo procuram estratégias eficazes para melhorar a educação financeira das suas populações, através da oferta de estratégias nacionais que promovam oportunidades de aprendizagem em vários níveis de ensino (Potrich et al., 2016). Deste modo, a formação financeira realça a habilitação dos indivíduos a realizarem decisões informadas sobre as suas finanças pessoais, promovendo uma melhor gestão no orçamento familiar. Promove, ainda, a escolha de produtos e serviços financeiros adequados, principalmente na prática da poupança e no processo de crédito/empréstimos. A salientar que os cidadãos com uma formação financeira superior tendem a perceber melhor sobre os produtos financeiros e apresentam maiores conhecimentos sobre os seus direitos e deveres (Banco de Portugal, 2013).

Lusardi e Mitchell (2014) e Kaiser e Menkhoff (2020) evidenciam a importância dos programas de educação para promover a literacia financeira, sobretudo perante a crescente complexidade dos produtos financeiros.

Conclui-se que a literacia financeira envolve uma ampla gama de conhecimentos, comportamentos e atitudes que influenciam diretamente as decisões financeiras. O nível de literacia financeira é fulcral para a gestão das finanças pessoais e para a escolha dos produtos financeiros, promovendo a estabilidade financeira seja em tempos de crise como para objetivos futuros.

2.2. Contexto e Importância da Literacia Financeira

Após o estudo do conceito de literacia financeira, é crucial verificar e compreender o porquê da importância deste tema atualmente. A importância de melhorar a literacia financeira tem aumentado devido à complexidade do mercado financeiro e aos desafios causados pela instabilidade política, económica e demográfica (Milan, 2014). Em Portugal, o conceito de literacia financeira foi introduzido em 1996, através do Estudo Nacional de Literacia (ENL) realizado por Benavente, Rosa, Costa e Ávila, tornando-se desde então parte da linguagem do quotidiano.

De acordo com Boeri e Guiso (2007) a crise financeira de 2008 impulsionou significativamente o debate em torno da literacia e da inovação financeira a nível mundial. Almeida, Tavares e Pereira (2015) reforçam que, em contextos de crise, a capacidade de tomar decisões financeiras conscientes depende fortemente de um bom nível de literacia.

A crise económico-financeira marcou o início de uma nova era para a literacia financeira, visto que, ocorreu um aumento das preocupações globais quanto ao nível de educação como para a formação financeira. Atualmente, a literacia financeira é caracterizada como um tópico bastante presente em diversos países a nível global, o que consequentemente se traduz num tema emergente e relevante de analisar. Outro aspeto que provocou o aumento da notoriedade para com a literacia financeira, corresponde ao “crescimento da atividade bancária e seguradora e a constante pressão do marketing de consumo” (Tavares & Almeida, 2021, Pg. 83).

Para além disto, a importância da literacia financeira tem vindo a alcançar primazia e contribui para a tomada de decisões informadas sobre a gestão individual do dinheiro com o objetivo de adquirir estabilidade financeira. Segundo Tavares e Almeida (2021), o processo de tomada de decisão tem impacto no presente e no futuro do qual reflete para a complexidade para fazer escolhas adequadas. Joo e Grable (2004), Cole, Sampson e Zia (2011), assim como Lusardi e Mitchell (2014) defendem que as decisões financeiras realizadas no dia-a-dia, sejam por satisfação de necessidades ou pelo bem-estar financeiro, exigem um aumento de responsabilidade, já que o impacto que essas ações exercem na economia é elevado. Neste sentido, a literacia financeira atua como fator crucial para o bem-estar da população e para o desenvolvimento económico sustentável (Lewis e Messy, 2012).

Desta forma, a falta de conhecimento sobre conceitos financeiros básicos pode resultar em impactos negativos na vida dos indivíduos, como perdas económicas substanciais e na diminuição da qualidade de vida (Bajo et. al, 2018). Pessoas com um nível mais baixo de

literacia financeira tendem a acumular um menor volume de riqueza ao longo da vida antes da reforma, e consequentemente, detêm de um menor conhecimento sobre ações, títulos e outros investimentos (Lusardi e Mitchell, 2009).

Sendo este um tópico emergente, o programa nacional de literacia financeira foi aprovado pelo orçamento do Estado para entrar em vigor em 2025 (OE2025). Do qual tem como propósito capacitar os jovens para lidar com temas como a poupança, gestão de crédito e planeamento financeiro. Esta medida surge num contexto em que a educação financeira é cada vez mais valorizada como um pilar essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional. O programa procura colmatar lacunas significativas identificadas em estudos, como o da OCDE. De acordo com o relatório do PISA 2022, Portugal ocupa a 9ª posição no indicador global de literacia financeira entre 20 países analisados, o que reforça a necessidade de um maior investimento na formação financeira dos jovens.

Para concluir, a literacia financeira assume um papel crucial tanto no desenvolvimento individual como na estabilidade económica global, proporcionando aos cidadãos ferramentas que lhes permitem tomar decisões financeiras mais seguras e sustentáveis ao longo da vida.

2.3. Variáveis da Literacia financeira

Na literacia financeira, diversas variáveis são relevantes para avaliar o nível de conhecimento dos indivíduos. Desta forma, estas correspondem: a variáveis de natureza demográfica (género, idade, estado civil, cultura); variáveis a nível geográfica (local de residência); socioeconómica (nível de escolaridade, situação profissional e rendimento) (Robb, Babiarz e Woodyard, 2012). Segundo Tavares, & Almeida (2021) o nível de endividamento, a formação em áreas económicas e financeiras, a experiência e o conhecimento dos produtos financeiros também são parâmetros medidos no nível de literacia. Mencionam também, que a educação e a formação financeira adquiridas ao longo do ciclo de vida, tanto em ambiente familiar quanto em formação escolar, têm impacto no nível de literacia financeira.

Mencionados os principais aspetos que determinam o nível de literacia financeira dos indivíduos conclui-se que existe um conjunto diversificado de variáveis que interferem no grau de literacia financeira. Portanto, nesta investigação, pretende-se compreender os indicadores que possuem o maior impacto para alcançar uma boa literacia, e encontrar padrões para identificar as áreas que podem ser melhoradas.

3. Metodologia de Investigação

Este capítulo tem como propósito o delineamento da pesquisa e à metodologia adotada, tendo como base a definição dos objetivos da investigação, o método de recolha de dados e o tratamento dos dados, bem como a caracterização da amostra. Para além disto, serão apresentados os recursos utilizados para a recolha de informação, as técnicas de análise de dados e a estratégia utilizada de forma a garantir a veracidade dos resultados. Finalmente, será evidenciado as limitações metodológicas e as implicações para a interpretação dos dados recolhidos.

3.1. Objetivos de Investigação

No âmbito desta dissertação, que pretende analisar conceitos de literacia financeira e a importância destes na tomada de decisão dos portugueses, devem ser definidos os principais objetivos de investigação - de modo a garantir coerência e a evitar desvios da principal linha de estudo (Maxwell, 2013). É determinante identificar fatores económicos, sociais e demográficos que podem ter influência na literacia financeira, como a idade, o género, o nível de escolaridade e o acesso a informações de carácter financeiro.

Assim sendo, o presente estudo tem como objetivos de investigação:

- Perceber quais são os principais fatores que influenciam o nível de literacia financeira da população portuguesa;
- Entender o impacto de características como idade, nível de escolaridade, localização, rendimento e experiência económica têm na literacia financeira;
- Explorar a relação entre literacia financeira e a capacidade dos indivíduos para gerir investimentos, poupança, crédito e orçamento;
- Aprofundar estratégias a serem implementadas para melhorar a literacia financeira em Portugal, com base nos *outputs* dos inquéritos por questionário;
- Analisar os desafios associados à literacia financeira em Portugal;
- Propor práticas sustentáveis para melhorar o nível de conhecimento e, consequentemente, a prosperidade financeira da população portuguesa.

3.2. Pergunta de Partida

A pergunta de partida assume um papel central na investigação científica, ao permitir a delimitação de uma problemática concreta a partir de um tema mais ambíguo, orientando de

forma estruturada todas as etapas do processo da pesquisa (Quivy, & Campenhoudt, 2013). Assim, a pergunta de partida deste estudo é:

- Quais são os principais fatores que influenciam o nível de literacia financeira da população portuguesa?

3.3. Hipóteses de Investigação

As hipóteses de investigação correspondem a proposições formuladas com base na fundamentação teórica previamente analisada, que visam antecipar possíveis relações entre dois ou mais conceitos. Estas hipóteses são elaboradas com um carácter independente face aos casos específicos em estudo. Assim, a formulação de uma hipótese confere rigor no processo de investigação, ao possibilitar a sua posterior verificação, seja por confirmação ou refutação (Flick, 2005; Quivy & Campenhoudt, 2005). Com base na revisão de literatura e tendo em vista ao objetivo de investigação, as hipóteses de investigação são:

- H1: Existe uma relação significativa entre a idade dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira
- H2: Existe uma relação significativa entre o grau de escolaridade dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira
- H3: Existe uma relação significativa entre a localização geográfica dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira

3.4. Processo de recolha de dados da amostra

Para este estudo, será utilizada uma abordagem quantitativa com o objetivo de avaliar o nível de literacia financeira de uma amostra da população e identificar os principais indicadores que influenciam a literacia financeira dos portugueses. Para tal, será utilizado um questionário estruturado, desenvolvido especificamente para medir os aspetos relacionados com a literacia.

A fim de integrar uma perspetiva quantitativa na investigação, cujo objetivo é identificar padrões de intenções, factos, e conceções dos indivíduos, pretende-se captar as noções factuais dos comportamentos e pensamentos destes, com o intuito de gerar dados objetivos e sustentados (Barnham, 2015; Slade-Brooking, 2018). Para permitir a recolha de um maior número de dados aleatórios, o instrumento de pesquisa quantitativa escolhido foi o inquérito por questionário.

O estudo foi desenvolvido com base num questionário online (Anexo B), aplicado a uma amostra da população portuguesa, e disponibilizado através da plataforma *Google Forms*. O questionário foi realizado exclusivamente online e é composto por um total de 37 perguntas,

das quais 30 são de resposta obrigatória e 7 de carácter opcional. As questões incluem tanto perguntas de escolha múltipla quanto de respostas curtas. O método de amostragem adotado foi o não-casual, por amostragem por conveniência, uma vez que a divulgação do questionário foi realizada através das redes sociais (*Facebook* e *Linkedin*). Além disso, o questionário foi enviado para empresas e partilhado com instituições universitárias, direcionado aos docentes para eventual distribuição juntos aos seus alunos. O principal objetivo foi obter uma amostra de maior dimensão possível, de modo a permitir a extração de conclusões e a realização de análises mais precisas e representativas da comunidade estudada.

3.5. Universo, Amostra e Horizonte Temporal em estudo

O universo de uma pesquisa é um grupo de indivíduos com características em comum escolhidos para uma investigação e que servem como objeto do estudo (Vergara, 1997,; 2016). Para o presente estudo, o universo é composto por indivíduos residentes em Portugal, com idades entre os 18 e 65 anos, que possuam acesso à internet e que demonstrem algum nível de envolvimento com tópicos relacionados à literacia financeira, seja por meio de consumo de conteúdo informativo, participação em cursos ou programas educativos, ou simplesmente pelo interesse nas questões financeiras do quotidiano.

Devido à impossibilidade prática de abordar toda a população portuguesa, optou-se por seleccionar uma amostra representativa desse grupo, como recomendado por Marotti e Furuyama (2008), que defendem que, dado o tamanho da população, é impraticável inquirir todos os indivíduos relevantes para a investigação. Assim, uma amostra permite generalizar as conclusões e ilações de forma mais prática e eficiente.

A amostragem utilizada será não-probabilística, visto que os membros da população não têm a mesma probabilidade de serem seleccionados, dado que a seleção dependerá da disponibilidade de resposta das pessoas. Esta abordagem é adequada, uma vez que não se exige homogeneidade entre os integrantes da amostra, e a disponibilidade dos participantes será um fator determinante na seleção.

O número desejado de respostas, portanto, o tamanho da amostra, é de 420 indivíduos, calculado com base em critérios estatísticos para garantir uma representação adequada da população interessada em literacia financeira, assegurando dados fiáveis e relevantes para a análise.

No que diz respeito ao horizonte temporal do estudo será de um mês, visando garantir o máximo de respostas e a obtenção de uma amostra com as características demográficas e comportamentais desejadas, permitindo uma análise representativa dos níveis de literacia financeira em Portugal. Este período será suficiente para que os participantes respondam ao inquérito e para garantir a diversidade de respostas, com o intuito que o estudo seja abrangente e relevante.

3.6. Fundamentação Metodológica

A elaboração das questões do questionário foi fundamentada na revisão de literatura existente sobre a literacia financeira, visando explorar as diferentes dimensões do tópico. Cada questão foi cuidadosamente formulada para refletir os conceitos e variáveis discutidos por autores relevantes, como Lusardi e Mitchell (2011, 2014), Huston (2010) e Remund (2010). A tabela abaixo apresenta a correspondência entre as questões do questionário e os principais referenciais teóricos que as fundamentam, assegurando que o instrumento utilizado seja adequado para explorar as dimensões da literacia financeira na população em estudo.

Dimensão	Pergunta(s)	Referência Bibliográfica
Dados Sociodemográficos	A1. Qual o seu género? A2. Qual a região onde vive atualmente? A3. Qual a sua faixa etária? A4. Qual o seu nível de escolaridade? A5. Indique a sua área principal de escolaridade/estudos? A6. Qual o seu estado civil? A7. Em que situação laboral ou ocupacional se encontra? A8. Qual o seu rendimento mensal líquido? A9. Tem algum rendimento extra? A9.1 Se sim, qual o rendimento? A10. Possui dependentes financeiros (Filhos, Pais, outros)? A10.1. Se sim, quantos? A11. Com quem habita normalmente?	➤ Lusardi & Mitchell (2014); ➤ OECD (2020); ➤ Potrich et al. (2016).

	<p>A11.1. Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? (NOTA: Apenas responde se na A11 não respondeu "sozinho").</p> <p>A11.2. Quantos dependentes (menores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? (NOTA: Apenas responde se na A11 respondeu “com filhos menores de 18 anos” ou “com outros menores de 18 anos”).</p>	
<p>Atitudes e Conhecimentos Financeiros</p>	<p>B1. Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro?</p> <p>B2. Quem é responsável por tomar decisões no seu dia-a-dia sobre o dinheiro?</p> <p>B3. Alguma das seguintes afirmações se aplica a si ou ao seu agregado familiar? (MÚLTIPLA)</p> <p>B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros?</p> <p>B4.1. Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras?</p> <p>B5. Já tomou decisões financeiras importantes? (MÚLTIPLA)</p> <p>B6. Teve algum tipo de educação financeira (na escola ou noutro contexto)?</p> <p>B6.1. O seu agregado familiar tem o hábito de falar sobre dinheiro ou ensinar sobre finanças?</p> <p>B6.2. Aprendeu sobre finanças por conta própria ou com ajuda de terceiros?</p>	<p>➤ Ajzen (1991);</p> <p>➤ Huston (2010);</p> <p>➤ Lusardi & Mitchell (2011, 2014);</p> <p>➤ OECD (2020);</p> <p>➤ Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (2021);</p> <p>➤ Świecka (2019).</p>
<p>Poupança, Gestão de Rendimentos e Resiliência financeira</p>	<p>C1. Consegue poupar regularmente uma parte do seu rendimento?</p>	<p>➤ Ajzen (1991);</p> <p>➤ Almeida et al. (2022);</p>

	<p>C1.1 Se sim, com que frequência costuma colocar dinheiro de parte para as suas poupanças.</p> <p>C2. No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas? Responda, mesmo que já tenha gastado esse dinheiro. (MÚLTIPLA)</p> <p>C3. Se hoje tivesse uma despesa inesperada no montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado, e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos?</p> <p>C4. Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como, por exemplo, comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou pagar os empréstimos. Tem algum objetivo financeiro?</p> <p>C4.1. Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros? (MÚLTIPLA)</p> <p>C5. Às vezes as pessoas chegam à conclusão de que o seu rendimento não é suficiente para cobrir o seu custo de vida. No último ano essa situação aconteceu-lhe?</p> <p>C5.1. Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema? (MÚLTIPLA) (NOTA: Apenas responde se na pergunta anterior selecionou “sim”)</p> <p>C6. Se perdesse a sua principal fonte de rendimento, por quanto tempo poderia cobrir as suas despesas, sem pedir dinheiro emprestado?</p>	<p>➤ Conselho Nacional de Supervisores Financeiros (2021).</p>
--	---	--

	C.7. Qual a sua posição quando recebe um rendimento inesperado (bónus, presente, etc.)?	
Literacia financeira	<p>D.1. Alguma vez ouviu falar sobre o tema de Literacia financeira?</p> <p>D.2. Na sua opinião, a Literacia Financeira é algo que deveria ser ensinado nas escolas?</p> <p>D.3. Já teve algum tipo de formação sobre literacia financeira?</p>	<p>➤ Ajzen (1991);</p> <p>➤ Lusardi & Mitchell (2014);</p> <p>➤ OECD (2020);</p> <p>➤ Vitt et al. (2000).</p>

Tabela 1 – Construto metodológico

Fonte – Elaboração própria

3.7. Tratamento da informação

O tratamento da informação recolhida através do questionário foi realizado com recurso aos *softwares Microsoft Excel* e IBM SPSS Statistics (*Statistical Package for Social Sciences*), dada a sua eficácia na análise de dados de natureza quantitativa (Field, 2013) O *Excel* foi utilizado como ferramenta de apoio na organização e estruturação inicial dos dados, permitindo a verificação e codificação das variáveis. Posteriormente, o SPSS foi utilizado para a realização das análises estatísticas descritivas e inferenciais, possibilitando a obtenção de resultados mais rigorosos e aprofundados.

Inicialmente, procedeu-se à limpeza dos dados através do *software Jupyter Notebook* com a linguagem *Python*, etapa crucial para normalizar as respostas de resposta aberta e garantir a qualidade e a fiabilidade da base de dados. Foram eliminadas as respostas incompletas, incoerentes ou duplicadas (Marôco, 2018).

De seguida, realizou-se uma análise estatística descritiva, com o objetivo de caracterizar a amostra e obter uma visão geral das variáveis em estudo. Foram calculadas frequências absolutas e relativas, médias, medianas, modas e desvios padrão, tendo em vista a descrição dos perfis sociodemográficos e conhecimentos financeiros dos inquiridos.

Para além da descrição dos dados, recorreu-se a análises estatísticas inferenciais, com o intuito de testar as hipóteses de investigação e identificar relações estatisticamente significativas entre as variáveis. Neste âmbito, foram aplicados os seguintes procedimentos:

- **Testes de correlação de *Pearson* e *Spearman***, conforme a distribuição das variáveis, para analisar a associação entre o nível de literacia financeira e variáveis como idade, rendimento ou escolaridade;
- **Testes do Qui-quadrado**, para averiguar a existência de associações entre variáveis categóricas, como género e comportamento financeiro;
- **Análise de regressão linear múltipla**, com o propósito de identificar os fatores preditores do nível de literacia financeira, tendo como variáveis independentes as características demográficas e comportamentais.

Sempre que necessário, foram verificados os pressupostos estatísticos de cada teste, como a normalidade e homocedasticidade, para que seja assegurando a validade das análises realizadas.

A apresentação dos resultados estatísticos está efetuada no capítulo seguinte, sob a forma de tabelas, gráficos e interpretações analíticas, permitindo analisar os dados em consonância com a literatura científica previamente explorada e sustentar, de forma rigorosa, as respostas às questões de investigação formuladas. Para concluir, importa salientar que os dados foram tratados com total anonimato e confidencialidade, em conformidade com os princípios éticos da investigação.

4. Apresentação de Resultados

Este capítulo tem como propósito analisar e interpretar os resultados obtidos após a recolha e tratamento dos dados. Numa primeira fase, os resultados são apresentados de forma descritiva e exploratória, permitindo uma caracterização geral da amostra e das variáveis em estudo. Posteriormente, procede-se à validação estatística das hipóteses de investigação previamente formuladas, com recurso a técnicas apropriadas de análise inferencial.

4.1. Caracterização demográfica e socioeconómica da amostra

Com base na variável A1 - “Qual o seu Género?”, verificou-se uma predominância de respostas do género feminino, representando 59,28% da amostra total. Já o género masculino corresponde a 40,24% dos participantes, enquanto apenas 0,48% optaram por não indicar esta informação, assinalando a opção “Prefiro não responder”.

O sexo, enquanto variável qualitativa nominal, assume relevância na caracterização da amostra e poderá ser utilizado como fator diferenciador em análises comparativas, possibilitando a identificação de eventuais diferenças nos comportamentos e níveis de literacia financeira entre os géneros, como referenciado por Lusardi et all. (2009), que destacam a importância da inclusão de variáveis sociodemográficas na compreensão da literacia.

No que diz respeito à variável A2, verificou-se uma forte concentração de respostas na região de Lisboa e Vale do Tejo, que representa 56,90% do total da amostra (n=420). Este resultado indica uma elevada predominância geográfica nesta zona do país, o que poderá estar relacionado com os canais de divulgação utilizados para a aplicação do questionário, nomeadamente redes sociais e contactos institucionais, maioritariamente sediados nesta região.

As regiões do Centro e do Norte surgem com as seguintes mais representadas, com 13,10% e 10,24% dos inquiridos, respetivamente. De igual modo, a Região Autónoma da Madeira apresenta também 10,24% das respostas, o que demonstra uma participação assinalável, atendendo à sua menor densidade populacional face ao território continental. Por outro lado, regiões como o Algarve (5,48%), o Alentejo (3,56%) e a Região Autónoma dos Açores (0,48%) registaram níveis de participação mais reduzidos. Esta distribuição revela uma assimetria na composição territorial da amostra, que importa considerar na interpretação dos resultados globais.

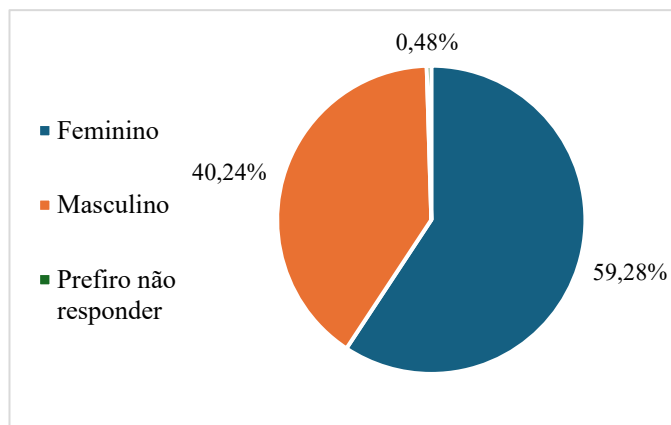


Gráfico 2 – A1. Qual o seu género

Fonte – SPSS e Excel

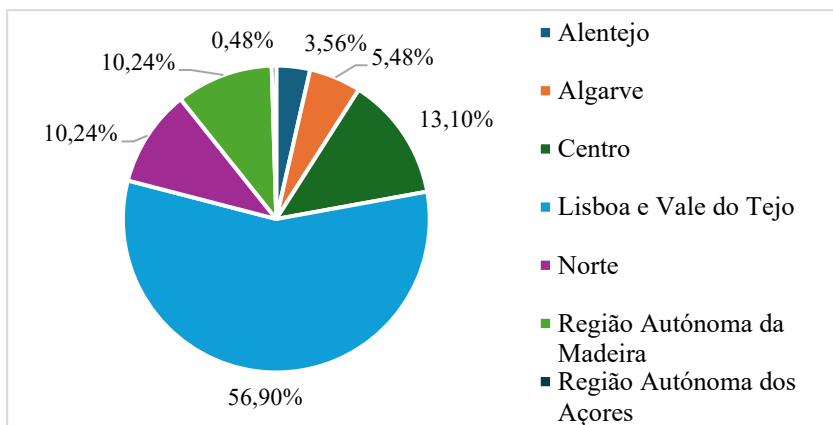


Gráfico 1 - A2. Qual a sua região onde vive atualmente

Fonte – SPSS e Excel

Relativamente à variável A3- “Qual a sua faixa etária?”, verifica-se que a maioria dos inquiridos pertence à faixa dos 51 aos 69 anos (40%), seguida pela faixa dos 36 aos 50 anos, com 29,52%. A faixa etária dos 26 aos 35 anos representa 15%, enquanto o grupo dos 18 aos 25 anos corresponde a 11,9% da amostra. As faixas etárias inferiores a 18 anos e superiores a 70 anos apresentam uma representatividade residual, inferior a 2%. Esta distribuição demonstra que a amostra é composta maioritariamente por adultos em idade ativa e pré-reforma.

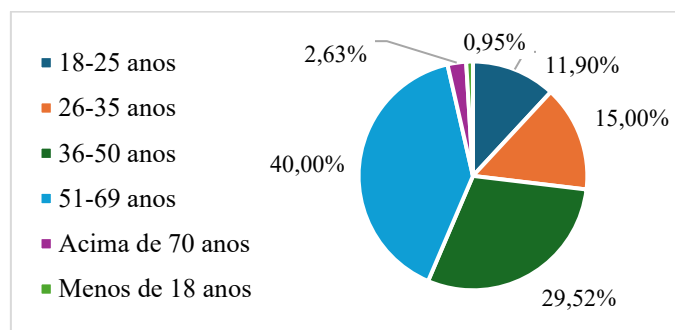


Gráfico 3 – A3. Qual a sua faixa etária

Fonte – SPSS e Excel

A questão A4 do questionário procurou aferir o nível de escolaridade dos investigados. Desta forma, destaca-se que 54,05% dos respondentes indicaram possuir o grau de doutoramento, representando mais de metade da amostra. Adicionalmente, 19,50% dos inquiridos referem ter concluído o mestrado e 14,76% a licenciatura, reforçando o perfil académico elevado da amostra. Em contraste, níveis de escolaridade inferiores estão menos representados: 5,38% possuem apenas o ensino secundário, 3,10% completaram o ensino secundário em cursos de dupla certificação e 2,86% indicaram deter uma pós-graduação.

Esta distribuição demonstra uma forte assimetria na composição académica da amostra, sendo evidente a sobre representação de indivíduos com formação superior, particularmente ao nível do doutoramento. Tal realidade poderá estar relacionada com os canais de divulgação do questionário, como redes académicas, mais propensos a alcançar este perfil de respondentes.

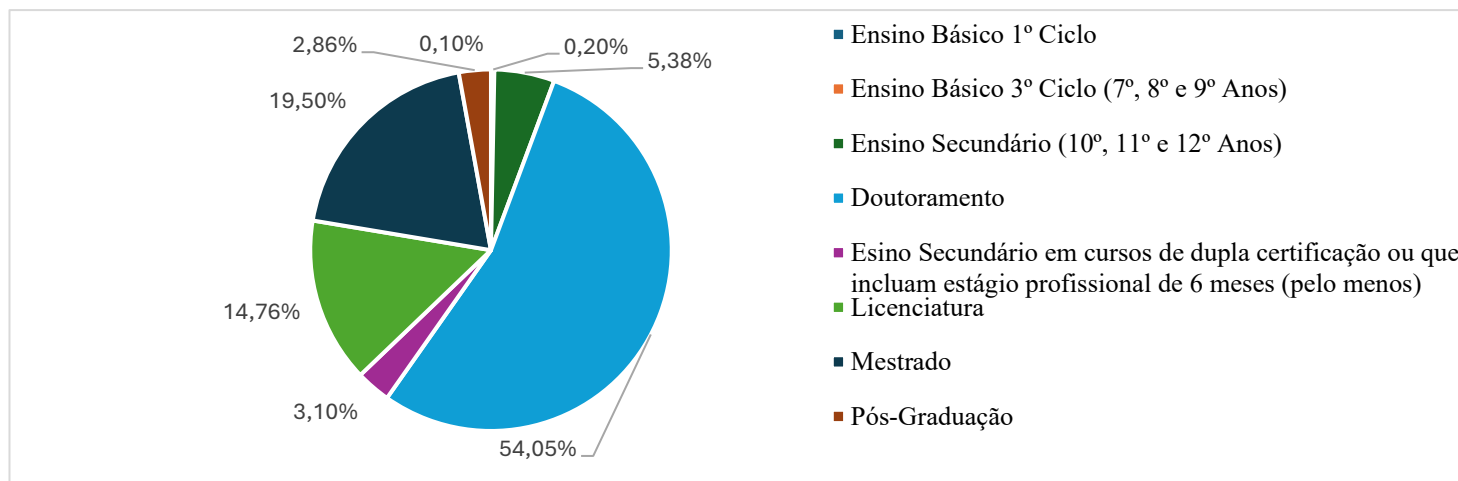


Gráfico 4 – A4. Qual o seu nível de escolaridade

Fonte – SPSS e Excel

A análise da variável A5 revela que a maioria dos inquiridos possui formação na área das Ciências Humanas e Sociais, que representa 40,77% da amostra. Seguem-se as Ciências Económicas e de Gestão, com 26,41%, e as Ciências Exatas e Tecnológicas, com 12,98%. Estas três áreas concentram a maior parte das respostas, evidenciando um claro predomínio de perfis ligados às ciências sociais e aplicadas. As restantes áreas, apresentam percentagens muito reduzidas, sendo representadas de forma residual no gráfico.

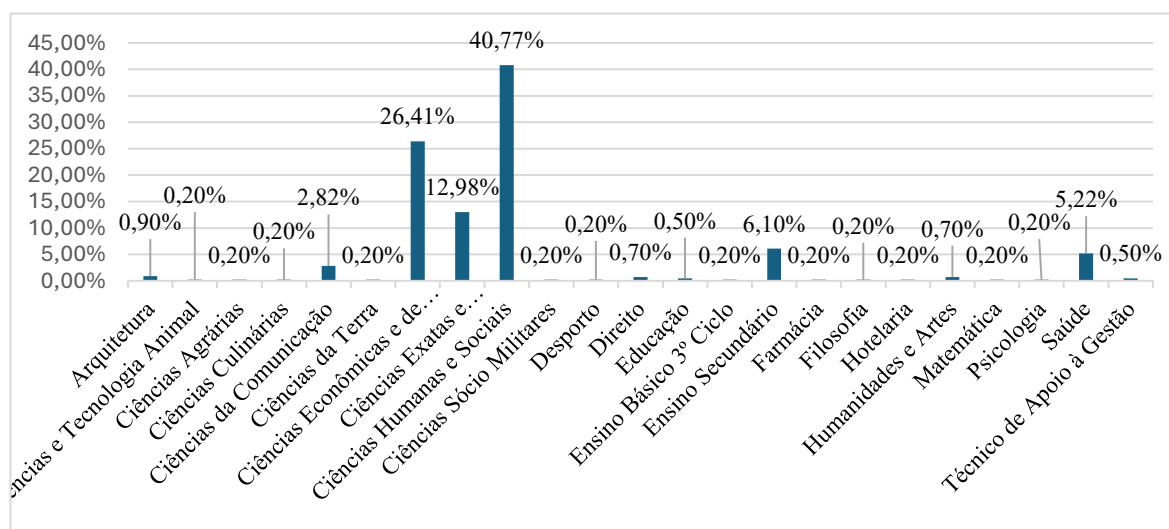


Gráfico 5 – A5. Indique a sua área principal de escolaridade/estudos

Fonte – SPSS e Excel

De acordo com a pergunta A6 podemos observar que a maioria dos elementos da amostra encontra-se casado(a) correspondendo a 44,05%, seguindo pelo estado civil de solteiro(a) com 39,76%. Os divorciados(as) representam 14,29% da amostra, enquanto os viúvos(as) apenas 1,90%. A consideração desta variável revela-se pertinente, uma vez que o estado civil pode ter influência nos comportamentos financeiros dos indivíduos, principalmente na partilha de rendimentos, à gestão conjunta de recursos e ao processo de tomada de decisões económicas.

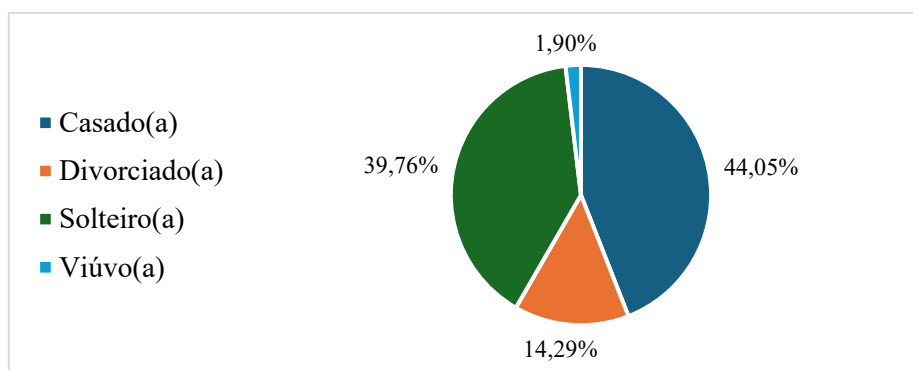


Gráfico 6 – A6. Qual o seu estado civil

Fonte – SPSS e Excel

O gráfico refere-se à variável A7- “Em que situação laboral ou ocupacional se encontra” onde a generalidade dos respondentes encontra-se na categoria “Ativo – Trabalha por conta de outrem”, representando 68,55% da amostra, o que indica uma forte presença de indivíduos integrados no mercado de trabalho através de vínculos laborais subordinados.

Segue-se a categoria “Ativo – Trabalha por conta própria e por conta de outrem”, com 9,45%, e a categoria “Ativo – Trabalha por conta própria”, com 6,79%, o que evidencia a presença de indivíduos com maior autonomia profissional ou com múltiplas fontes de rendimento. As restantes situações ocupacionais apresentam percentagens mais baixas.

Esta predominância de trabalhadores ativos é relevante para o estudo da literacia financeira, uma vez que, como salientado por Angrisani et al. (2023), a inserção no mercado de trabalho está diretamente relacionada com o desenvolvimento de competências financeiras, nomeadamente na gestão de rendimentos, planeamento orçamental e decisões de investimento.

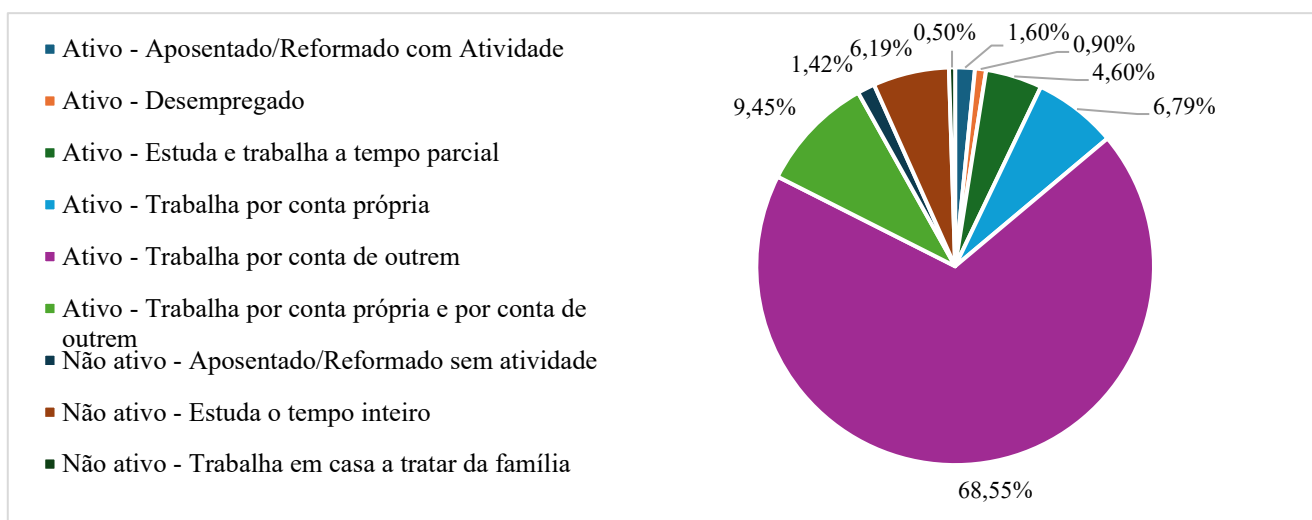


Gráfico 7 – A7. Em que situação laboral ou ocupacional se encontra

Fonte – SPSS e Excel

A análise da questão A8 revela que a maioria da população da amostra auferе rendimentos entre 2000€ a 3000€ correspondendo a 36,90% e entre 1000€ a 2000€, com 27,86%, evidenciando uma predominância de rendimentos médios elevados. A categoria com rendimentos superiores a 3000€ representa 14,76% da amostra, demonstrando uma presença relevante de indivíduos com rendimentos elevados. Apenas uma minoria (12,62%) apresenta rendimentos inferiores a 1000€, sendo que 4,76% referem atingir menos de 500€. A mencionar que 7,86% preferiram não responder a esta questão. Assim sendo, esta distribuição sugere uma amostra maioritariamente composta por indivíduos com alguma estabilidade financeira, fator importante para a análise.

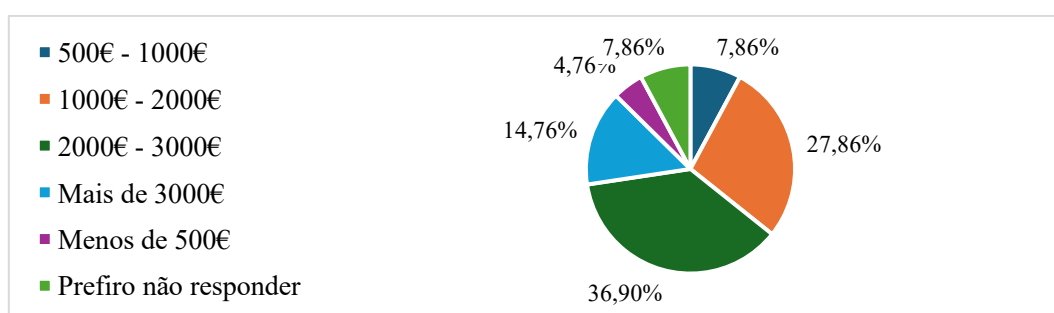


Gráfico 8 – A8. Qual o seu rendimento mensal líquido

Fonte – SPSS e Excel

Em seguida, podemos verificar a distribuição das respostas à pergunta A9, que investiga a existência de rendimento extra por parte dos inquiridos. Os dados indicam que uma expressiva maioria (58,43%) mencionou não possuir qualquer tipo de rendimento extra, enquanto 26,22%

assinalam auferir rendimentos extra de forma ocasional. Adicionalmente, 14,53% recebem rendimento extra de forma regular, todos os meses. Uma percentagem residual corresponde aos que optaram por não responder à questão (0,51%) e os que mencionaram receber uma “semanada” (0,10%). Não foram registadas respostas expressivas relacionadas com dividendos. Estes resultados evidenciam que a grande parte dos participantes depende exclusivamente da sua fonte principal de rendimento, embora uma proporção relevante beneficie de rendimentos suplementares, sobretudo com alguma regularidade.

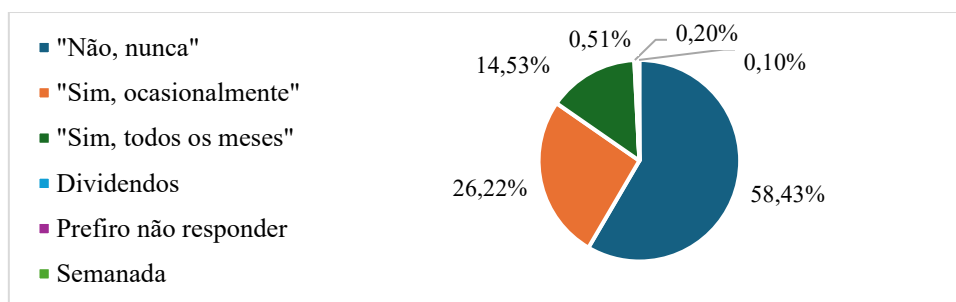


Gráfico 9 – A9. Tem algum rendimento extra

Fonte – SPSS e Excel

No que diz respeito à pergunta A9.1, esta encontra-se diretamente interligada com a questão A9, uma vez que apenas foi respondida pelos indivíduos que indicaram ter algum rendimento extra. Tratando-se de uma pergunta de resposta aberta, obteve-se uma grande variedade de respostas relativamente ao tipo e valor desse rendimento. No entanto, destaca-se os rendimentos de 6000€ anuais (4,92%), 500€ mensais (4,10%) e provenientes de projetos extraordinários na área profissional (4,10%) como os mais frequentes. Outros rendimentos relevantes incluem 1000€ mensais, investimentos e renda de imóveis. Conclui-se que o acesso a rendimentos complementares assume formas diversas e níveis distintos de regularidade, refletindo a heterogeneidade das estratégias económicas dos indivíduos.

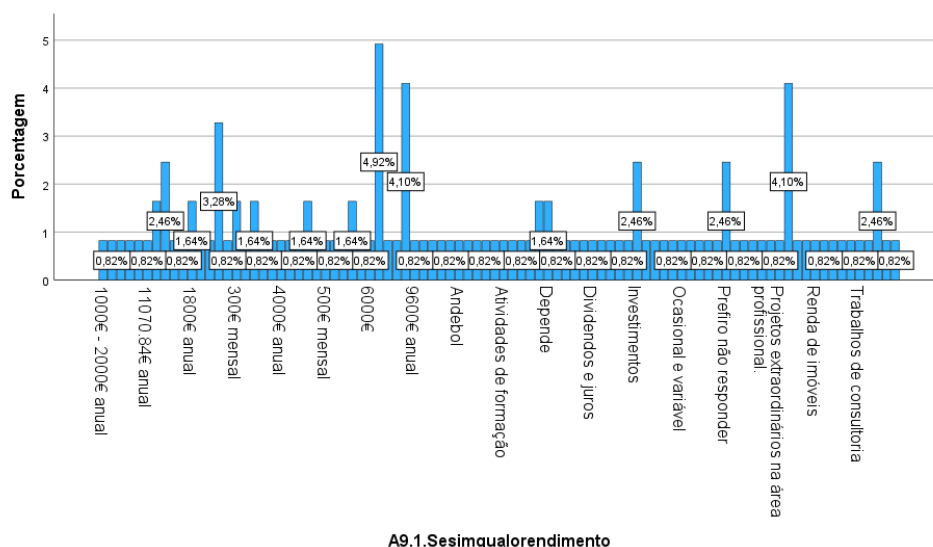


Gráfico 10 – A9.1 Se sim, qual o rendimento

Fonte - SPSS

Posteriormente, a pergunta A10 procurou identificar se os inquiridos possuem dependentes financeiros, nomeadamente filhos, pais ou outras pessoas. De acordo com os resultados, 57,86% dos participantes refeririam não ter dependentes financeiros, enquanto 42,14% afirmaram ter pelos menos uma pessoa a seu encargo. Estes dados demonstram que uma parte significativa dos inquiridos assume responsabilidades financeiras adicionais, o que poderá ter impacto na gestão orçamental e nas suas necessidades financeiras.

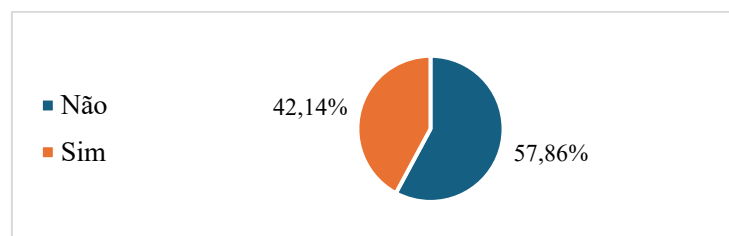


Gráfico 11 – A10. Possui dependentes financeiros (Filhos, Pais, outros)

Fonte – SPSS e Excel

Conforme ilustrado no gráfico abaixo, trata-se de uma pergunta de resposta aberta, à qual apenas responderam os inquiridos que, na pergunta anterior, indicaram ter dependentes financeiros. A análise das respostas permitiu agrupá-las em valores numéricos, representado o número de dependentes mencionados. Verifica-se que a maioria indicou ter 2 dependentes (35,71%), seguida de 0 dependentes (29,76%), podendo este valor refletir interpretações diferentes. Os valores 1 e 3 foram também referidos por uma percentagem relevante dos participantes (12,86% e 12,38%, respetivamente), enquanto os restantes valores (4 a 7)

registaram percentagens residuais, inferiores a 1%. Estes dados demonstram uma maior concentração de respostas nos valores mais baixos, indicando que a maioria dos inquiridos com dependentes financeiros tem entre 1 e 2 pessoas a seu cargo.

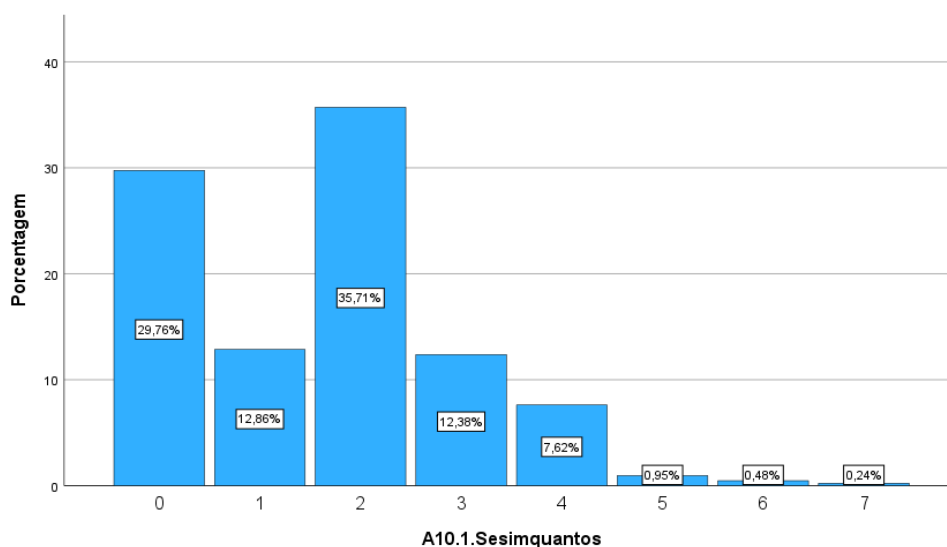


Gráfico 12 – A10.1 Se sim, quantos

Fontes - SPSS

Consoante a variável A11 verifica-se que a maior proporção dos inquiridos (37,62%) coabita com o(a) cônjuge ou companheiro(a), o que evidencia a prevalência de estruturas familiares centradas na união conjugal. Em seguida, destaca-se uma percentagem expressiva (17,14%) de indivíduos que vivem sozinhos, sugerindo uma tendência para a autonomização na gestão da vida doméstica. Uma parcela igualmente relevante (14,05%) habita com os seus pais, enquanto 12,86% indicam viver com filhos menores de 18 anos, sejam estes seus ou do(a) cônjuge/companheiro(a). Os arranjos habitacionais fora do núcleo conjugal ou parental incluem a coabitação com filhos maiores de 18 anos (9,29%), com familiares externos a esse núcleo (4,29%) e, em menor proporção, com amigos, colegas ou estudantes (1,90%). Adicionalmente 1,90% referem viver noutro tipo de agregado e 0,95% indicam viver com outros menores de 18 anos. Assim sendo, os dados expõem para uma diversidade de modelos de convivência, embora se mantenha a predominância de configurações familiares tradicionais.

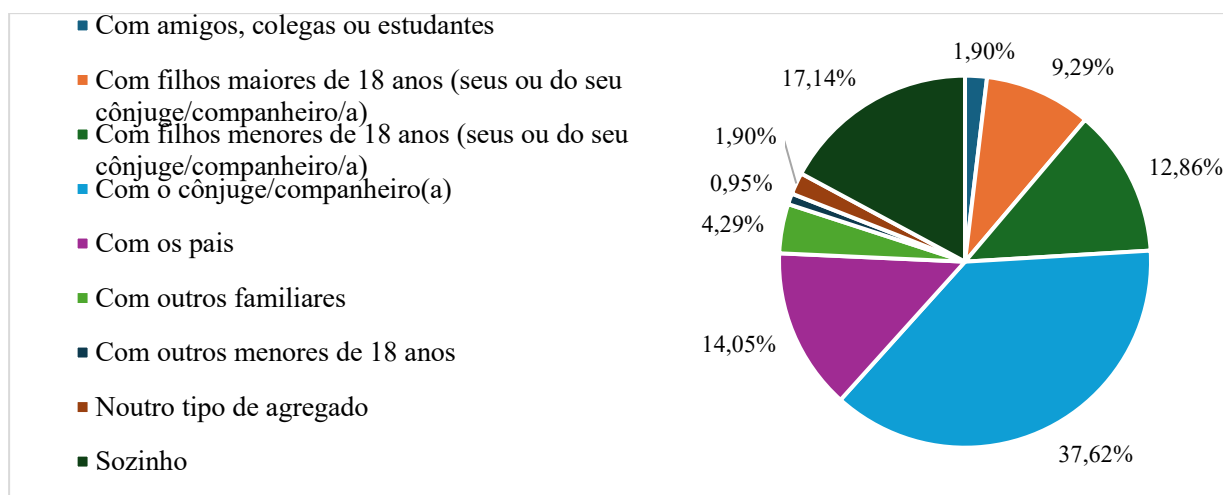


Gráfico 13 – A11. Com quem habita normalmente

Fonte – SPSS e Excel

Podemos observar que na pergunta A11.1.” Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)”, que a maioria dos respondentes (50,83%) vive em agregados compostos por dois adultos, refletindo a primazia de estruturas familiares compostas por casais. Posteriormente destacam-se os agregados com três adultos (18,27%) e com apenas um adulto (16,28%), revelando igualmente a existência de configurações unipessoais ou de carácter monoparental. Agregados com quatro ou mais adultos apresentam uma representação residual. Posto isto, estes dados apontam para uma tendência dominante de núcleos familiares de dimensão reduzida.

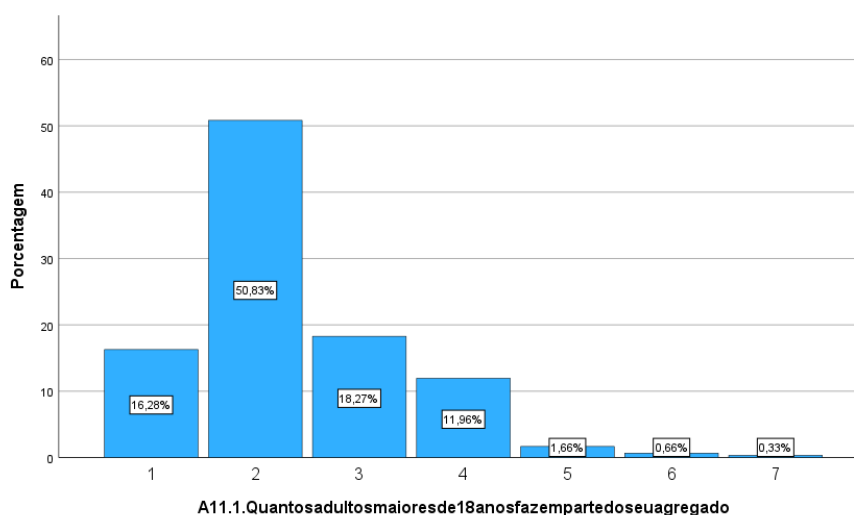


Gráfico 14 – A11.1 Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluído o próprio)

Fonte - SPSS

Seguidamente, apresenta-se o gráfico que analisa o número de dependentes menores de 18 anos integrados no agregado familiar dos inquiridos. Os dados revelam que a maioria expressiva (57,76%) vive em agregados com apenas um dependente, enquanto 37,07% reportam a presença de dois menores. As percentagens de respondentes com três (3,45%) ou quatro (1,72%) dependentes são residuais. Estes resultados indicam uma tendência dominante para famílias com número reduzido de filhos, em consonância com os padrões demográficos contemporâneos marcados por uma progressiva diminuição da fecundidade.

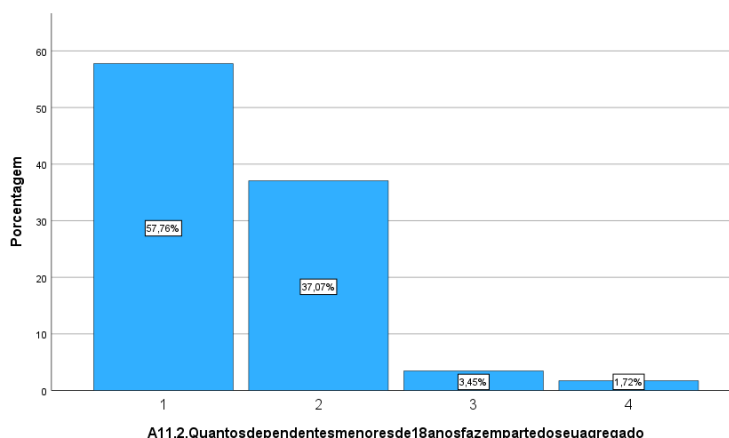


Gráfico 15 - A11.2 Quantos dependentes (menores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluído o próprio)

Fonte - SPSS

4.2. Caracterização das Atitudes e Conhecimentos Financeiros da amostra

No início da segunda parte do questionário, dedicada à caracterização das atitudes e conhecimentos financeiros da amostra, o gráfico apresentado refere-se à pergunta B1. – “Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro”. A maioria significativa dos respondentes (88,33%) afirma tomar decisões quotidianas sobre o seu dinheiro frequentemente, o que indica um elevado nível de envolvimento e autonomia na gestão das finanças pessoais.

Por outro lado, 8,81% indicam fazê-lo apenas ocasionalmente, e uma minoria residual (2,86%) refere não tomar esse tipo de decisões. Estes resultados sugerem que a amostra apresenta, de forma geral, uma postura ativa e consciente em relação à administração do seu dinheiro, o que poderá refletir um grau relevante de literacia financeira no dia-a-dia.

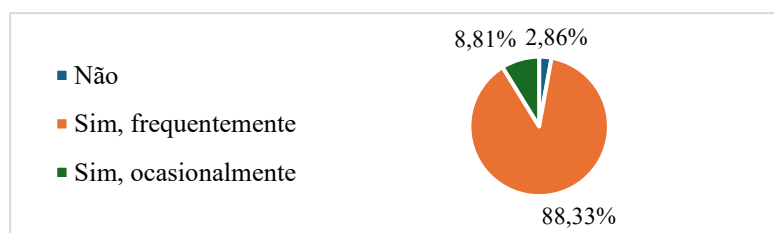


Gráfico 16 – B1. Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro

Fonte – SPSS e Excel

Na sequência da análise, verifica-se que, na questão B2, a generalidade dos inquiridos (54,2%) indicou tomar decisões financeiras sozinho(a), revelando um padrão de autonomia individual na gestão do dinheiro. A segunda resposta mais frequente (39,7%) foi “Tomo as decisões em conjunto com o seu cônjuge/companheiro(a)”, o que demonstra uma abordagem partilhada da gestão financeira. As restantes opções apresentam percentagens residuais, com destaque para “Toma as decisões em conjunto com outra pessoa”, com (4,1%). Importa salientar que a existência da opção “outra” permitiu a inclusão de respostas menos comuns, refletidas nas categorias com menor representatividade.

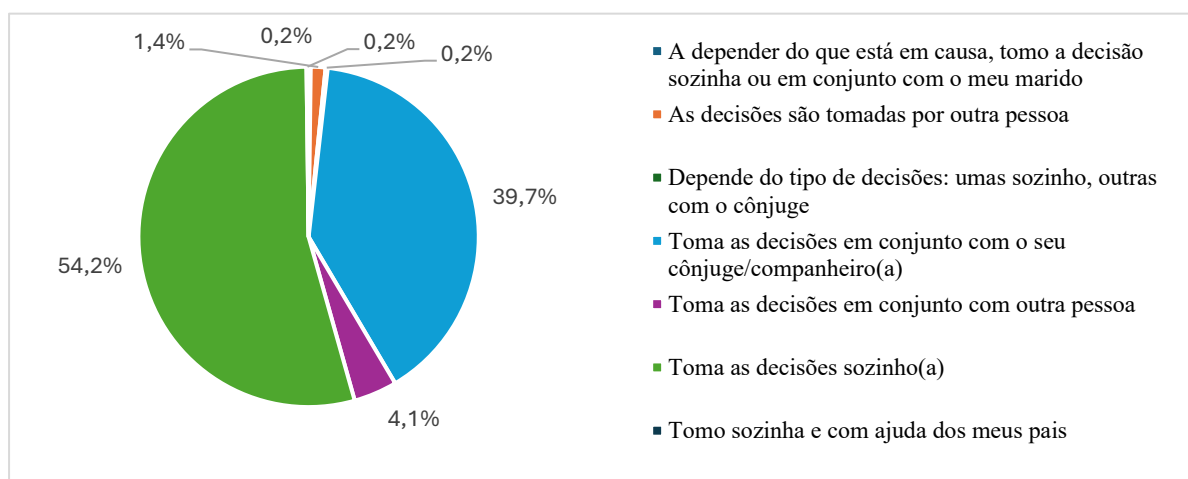


Gráfico 17 – B2. Quem é responsável por tomar decisões no seu dia-a-dia sobre o dinheiro

Fonte – SPSS e Excel

No que diz respeito à pergunta B3, na qual os respondentes podiam selecionar mais do que uma opção, foi possível identificar diversas combinações de estratégias de gestão financeira adotadas pelos agregados familiares. A análise dos dados (ver Anexo A) evidencia uma elevada dispersão nas respostas, refletindo uma multiplicidade de comportamentos no que se refere ao planeamento e controlo das finanças pessoais. A combinação mais frequente, com 12,14% das respostas, inclui a separação do rendimento para despesas fixas e quotidianas, toma nota das despesas que terá de pagar, a utilização de aplicações bancárias ou outras ferramentas de gestão

financeira, e a adoção de pagamentos automáticos para encargos regulares. Ainda assim, verifica-se que a maioria das combinações apresenta percentagens inferiores a 6%, o que indica que a aplicação simultânea de múltiplas práticas de gestão financeira eficazes não é, ainda, generalizada entre os agregados familiares. Deste modo, os resultados apontam para a existência de oportunidades de melhoria no domínio da literacia financeira, nomeadamente no que respeita à adoção integrada e sistemática de estratégias que favoreçam uma gestão orçamental mais estruturada e sustentável.

Relativamente à pergunta B4, que procurou aferir a perceção dos inquiridos quanto aos seus conhecimentos financeiros, conclui-se que uma proporção significativa da amostra classifica os seus conhecimentos como razoáveis (43,10%) ou bons (33,57%), enquanto apenas 12,14% consideram ser detentores de conhecimentos muito bons. Por outro lado, uma minoria refere possuir conhecimentos fracos (9,76%) ou muito fracos (1,43%). Consta-se uma valorização moderadamente positiva das competências financeiras da população da amostra. Contudo, a baixa percentagem de indivíduos que se consideram altamente conhecedores nesta área evidencia a necessidade de reforçar o desenvolvimento de competências financeiras mais sólidas e integradas.

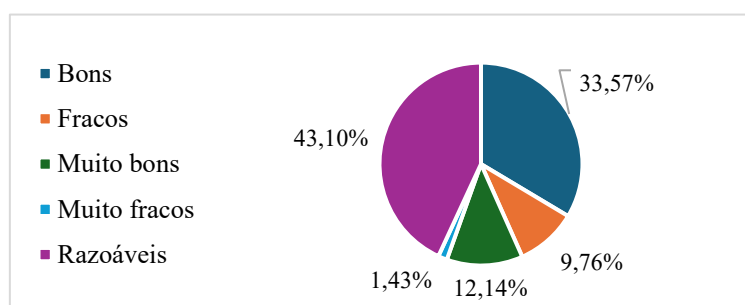


Gráfico 18 – B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros

Fonte – SPSS e Excel

No seguimento da análise, e no que se refere à autoconfiança na tomada de decisões financeiras (B4.1), verifica-se que a maioria dos inquiridos (55,71%) admite ter algumas dúvidas, enquanto 35,71% consideram-se completamente confiantes. Cerca de 7,86% dos participantes revelam sentir-se inseguros, o que, apesar de constituir uma minoria, evidencia a importância de reforçar a capacitação nesta área. Os resultados confirmam a perceção globalmente positiva, ainda que moderada, já anteriormente identificada, e sublinham a necessidade de promover competências que favoreçam uma maior confiança e a autonomia na gestão financeira individual.

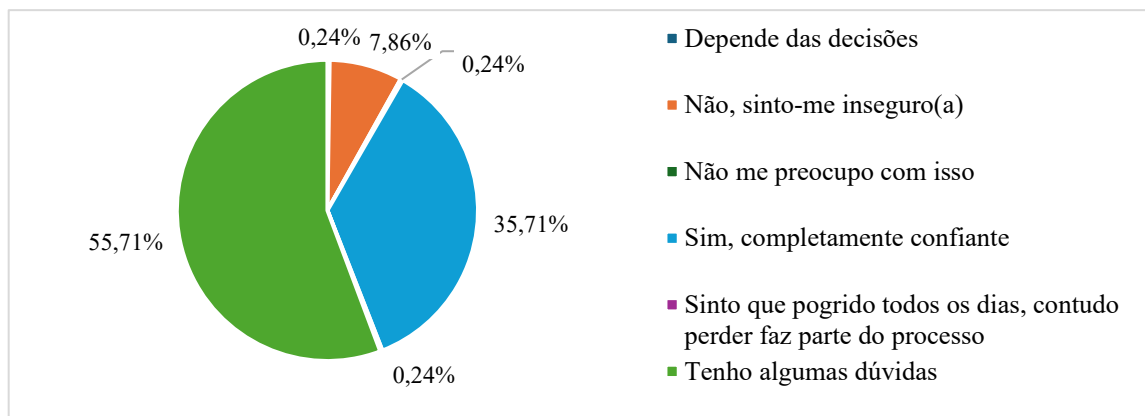


Gráfico 19 - B4.1 Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras

Fonte – SPSS e Excel

No que concerne à questão B5, de resposta múltipla, os dados revelam que a proporção mais significativa dos respondentes (28,57%) indica ter tomado decisões financeiras envolvendo simultaneamente crédito, investimentos e conta poupança, evidenciando uma abordagem mais abrangente à gestão financeira. Em seguida, destacam-se as combinações crédito e conta poupança (17,62%) e crédito isolado (11,19%), o que sublinha a centralidade do crédito nas decisões económicas dos inquiridos. Por outro lado, 12,14% referem não ter tomado qualquer decisão financeira relevante, o que poderá indicar um menor nível de autonomia ou na experiência na gestão de assuntos financeiros.

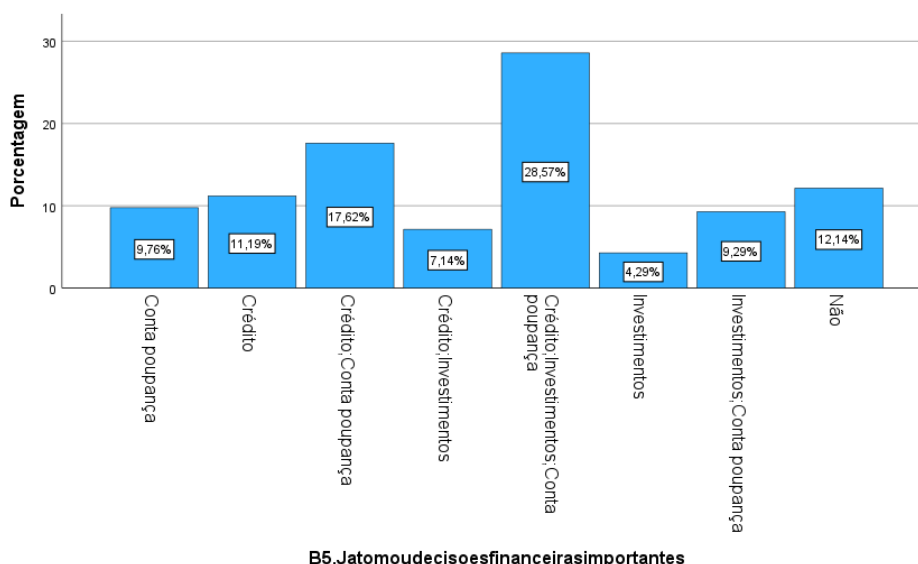


Gráfico 20 - B5. Já tomou decisões financeiras importantes

Fonte - SPSS

A variável B6- “Teve algum tipo de educação financeira (na escola ou noutro contexto)” expõe que a maioria dos inquiridos (64,40%) não teve qualquer tipo de educação financeira. Apenas 34,20% referem ter tido algum contacto com o tema, enquanto as demais respostas, como “A ler e a ouvir podcast”, “Contabilidade”, “Estudo por conta própria”, entre outras, surgem com percentagens bastantes reduzidas (inferiores a 1%) e resultam da seleção da opção “Outra”. Depreende-se que os dados obtidos evidenciam uma carência significativa de formação financeira, enfatizando a necessidade de integrar este tema nos percursos educativos formais e informais.

Posteriormente, temos a pergunta B6.1, que está diretamente associada à variável B6 e tem como intuito compreender as atitudes e conhecimentos financeiros dos inquiridos, particularmente no contexto familiar. Esta variável revela que 59,52% dos participantes afirmam existir esse hábito no seu agregado familiar, enquanto 40,48% indicam o contrário. Os resultados indicam que, apesar de uma ligeira maioria referir algum contacto com temas financeiros no ambiente familiar, persiste uma fragilidade na educação financeira informal salientando a importância de promover a literacia também no contexto doméstico, em articulação com a educação formal.

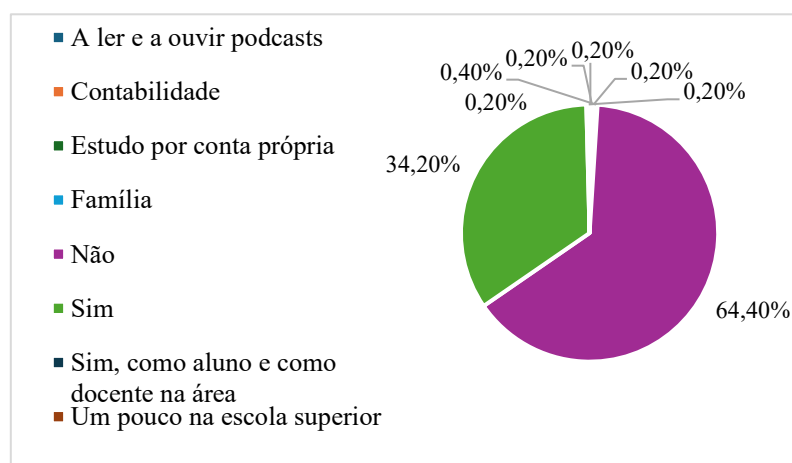


Gráfico 22 – B6. Teve algum tipo de educação financeira (na escola ou noutro contexto)

Fonte – SPSS e Excel

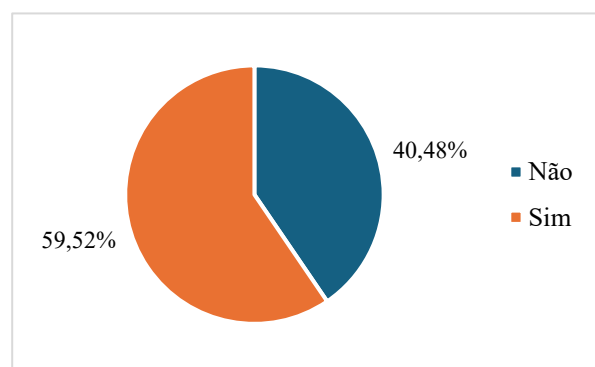


Gráfico 21 – B6.1 O seu agregado familiar tem o hábito de falar sobre dinheiro ou ensinar sobre finanças

Fonte – SPSS e Excel

Para concluir, a pergunta B6.2- “Aprende sobre finanças por conta própria ou com ajuda de terceiros” complementa os resultados das questões anteriores, apresentando que, apesar da falta de educação financeira formal (B6) e da ausência de diálogo em muitos agregados familiares (B6.1), a generalidade dos inquiridos procurou aprender sobre finanças por

iniciativa própria (50,71%) ou com apoio de terceiros (43,10%). No entanto, 6,19% indicam não ter feito qualquer esforço nesse sentido. Deste modo, os dados demonstram uma atitude proativa face à literacia financeira, embora predominantemente em contextos informais.

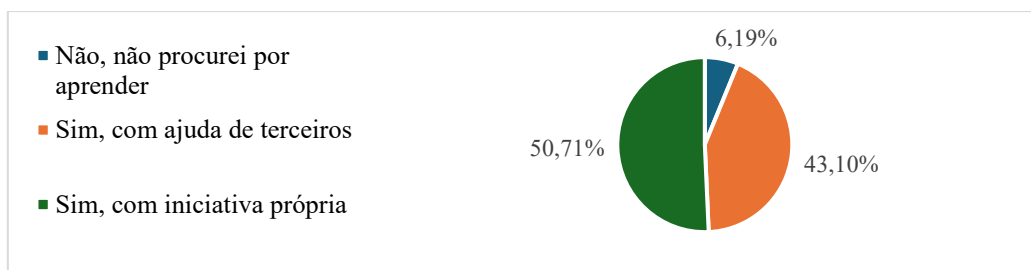


Gráfico 23 – B6.2 Aprendeu sobre finanças por conta própria ou com ajuda de terceiros

Fonte - SPSS

4.3. Caracterização da Poupança, Gestão de Rendimentos e Resiliência financeira da amostra

No que respeita à terceira parte do questionário, que visa aferir a capacidade de poupança dos inquiridos, os dados revelam que 83,57% afirmam conseguir poupar regularmente uma parte do seu rendimento, contrariamente, 16,43% referem que não o conseguem fazer. Estes resultados apontam para uma tendência globalmente positiva no que toca à gestão financeira pessoal, sugerindo um certo grau de organização no uso dos rendimentos. Contudo, a proporção de indivíduos que não consegue poupar evidencia a existência de uma fatia vulnerável da amostra, potencialmente mais exposta a dificuldades em contextos de instabilidade económica, dada a sua reduzida margem financeira.

De seguida, a variável C1.1 procurou compreender a frequência com que os inquiridos colocam dinheiro de parte. Os resultados demonstram que 64,17% poupam regularmente todos os meses, enquanto 24,06% o fazem de forma ocasional (entre três em três meses). Por sua vez, 11,50% afirmam raramente poupar, e uma percentagem residual de 0,27% refere não colocar qualquer montante de parte. Estes dados reforçam a predominância de comportamentos regulares de poupança, embora ainda se observe uma parcela com práticas menos consistentes, o que pode comprometer a estabilidade financeira a longo prazo.

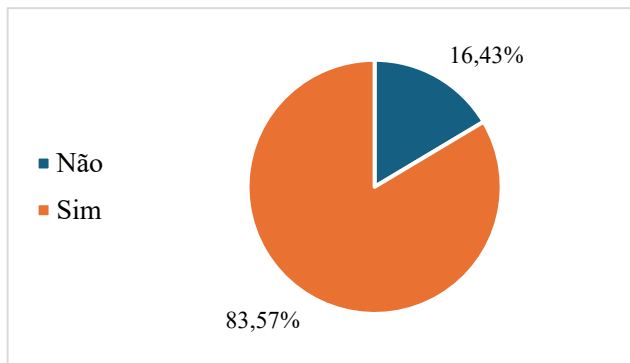


Gráfico 25 – C1. Consegue poupar regularmente uma parte do seu rendimento

Fonte – SPSS e Excel

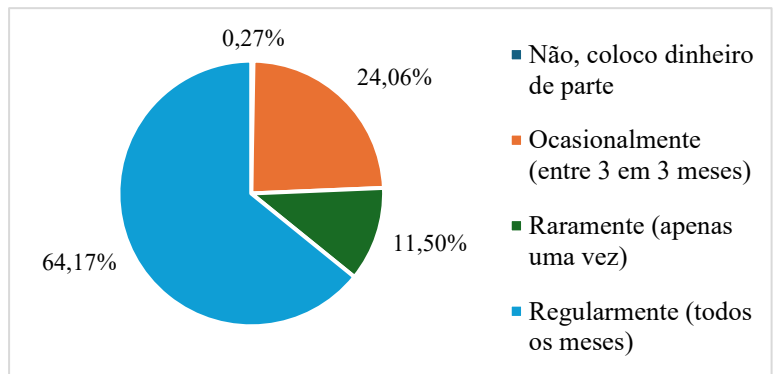
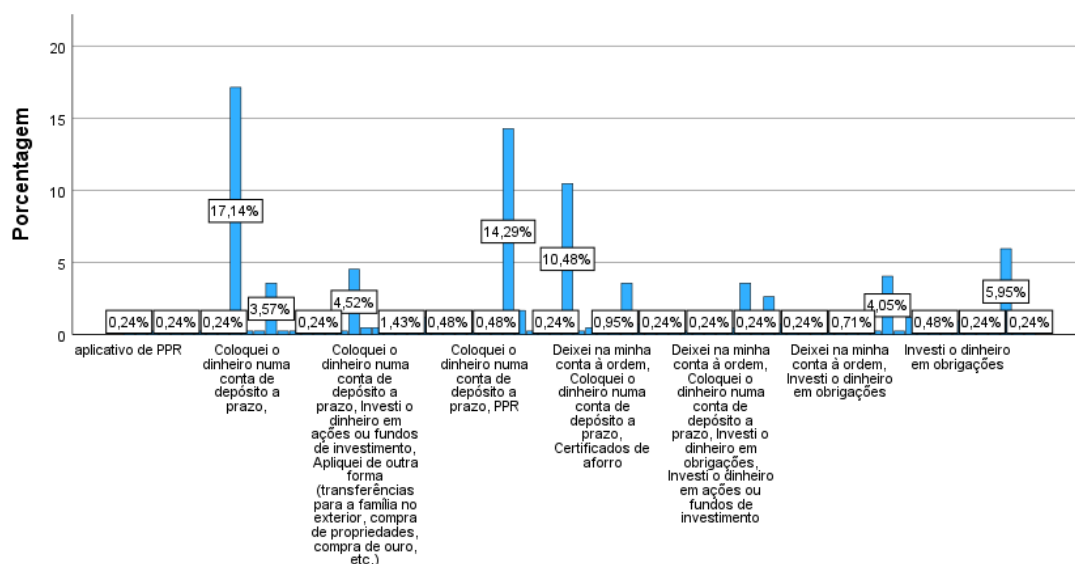


Gráfico 24 – C1.1 Se sim, com que frequência costuma colocar dinheiro de parte para as suas poupanças

Fonte – SPSS e Excel

A pergunta C2, de resposta múltipla, teve como objetivo identificar os meios utilizados pelos respondentes para acumular poupanças no último ano. Os dados comprovam que as estratégias mais recorrentes foram a aplicação de dinheiro em contas de depósito a prazo (17,14%) e, em menor proporção, em conjunto com planos poupança reforma (14,29%), seguidas pela simples manutenção dos valores em conta à ordem (10,48%). As restantes alternativas registaram percentagens pouco expressivas. Os resultados evidenciam uma preferência por formas conservadoras de poupança, refletindo uma possível limitação na diversificação financeira e fragilidades na literacia em investimentos mais complexos.



C2. No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas? Resposta, mesmo que já tenha gasto esse dinheiro. (Múltipla)

Gráfico 26 – C2. No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas? Resposta mesmo que já tenha gasto esse dinheiro

De acordo com o gráfico abaixo, referente à pergunta C3, conclui-se que a grande maioria dos inquiridos (86,19%) consegue gerir o seu rendimento mensal sem necessidade de recorrer ao endividamento. Uma minoria mais expressiva (10,71%) refere enfrentar dificuldades nesse domínio, enquanto 3,10% indicam não possuir rendimento pessoal. De modo geral, os dados sugerem uma situação de estabilidade financeira individual entre a maioria dos participantes, ainda que subsistam casos pontuais que evidenciam vulnerabilidades, associadas a lacunas na capacidade de planeamento orçamental.

Dando continuidade à análise das práticas de gestão financeira pessoal, o gráfico referente à pergunta C4 demonstra que 71,19% dos respondentes afirmam ter objetivos financeiros definidos, o que indica um comportamento planeado e orientado para metas no âmbito da sua vida económica. Por outro lado, 26,43% referem não possuir tais objetivos e 2,38% não souberam responder, o que pode apontar para a ausência de uma cultura de planeamento financeiro em parte da amostra. Conclui-se que, embora a maioria dos inquiridos demonstre uma atitude proativa face ao seu futuro financeiro, persiste a necessidade de reforçar a importância da definição de metas como instrumento fundamental para a promoção da estabilidade e autonomia económica.

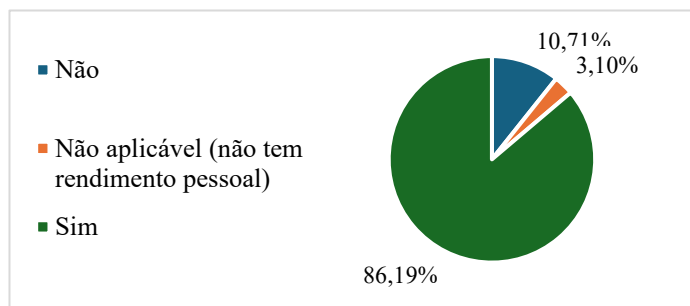


Gráfico 28 – C3. Se hoje tivesse uma despesa inesperada no montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos

Fonte – SPSS e Excel

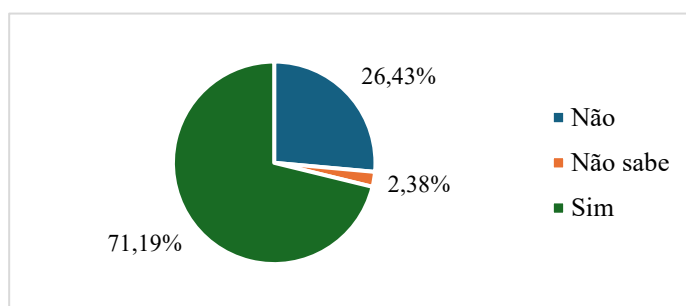


Gráfico 27 – C4. Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como, por exemplo, comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou pagar os empréstimos. Tem algum objetivo financeiro

Fonte – SPSS e Excel

Podemos observar que na variável C4.1, de resposta múltipla, tem com intuito identificar as estratégias adotadas pelos inquiridos com objetivos financeiros definidos (conforme indicado na pergunta C4). Consoante o gráfico (ver anexo A), as ações mais frequentes foram poupar ou investir dinheiro (19,15%) e, em menor grau, poupar/investir em simultâneo com a redução de despesas (15,92%). Apesar da diversidade de respostas, é essencial realçar que 8,96% da

população mencionam não ter tomado qualquer iniciativa, o que destaca a existência de um desfasamento entre a definição de objetivos e a sua concretização prática. A possibilidade de escolha múltipla e a presença da opção “Outra” permitiram captar uma variedade de comportamentos, refletindo em diferentes níveis de literacia e compromisso com a estabilidade económica.

Em continuidade, os resultados obtidos da pergunta C5, expõem que 72,62% dos participantes não consideram que o seu rendimento seja insuficiente para cobrir o custo de vida. Em contrapartida, 24,76% afirmam enfrentar essa insuficiência, o que demonstra uma perceção de vulnerabilidade económica entre uma parte expressiva da amostra. Adicionalmente, 2,62% indicaram que a questão não se aplica, por não possuírem rendimento pessoal.

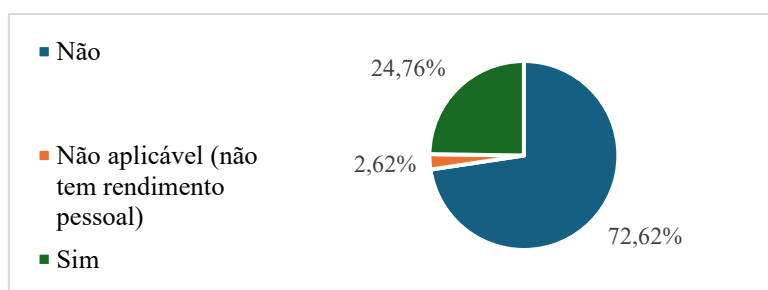


Gráfico 29 – C5. *Às vezes as pessoas chegam à conclusão de que o seu rendimento não é suficiente para cobrir o seu custo de vida. No último ano essa situação aconteceu-lhe.*

Fonte – SPSS e Excel

A variável C5.1- “Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema”, de resposta múltipla, complementa a pergunta C5 ao permitir identificar as estratégias adotadas pelos indivíduos para lidar com dificuldades financeiras. Deste modo, a opção mais comum entre os inquiridos foi o recurso às próprias poupanças, com 61,08%, evidenciando comportamentos de planeamento e resiliência financeira. Outras estratégias relevantes incluíram a redução de despesas para manter a qualidade de vida (12,43%), a redução de despesas fixas (7,57%) e variáveis (3,24%). Embora menos frequente, também se registam respostas como fazer um crédito (5,41%), trabalhar mais (2,70%) ou pedir apoio financeiro (0,54%). As restantes opções, incluindo “Outra”, tiveram uma incidência residual. De forma geral, os resultados sugerem que, perante dificuldades financeiras, os indivíduos tendem a adotar soluções baseadas na gestão dos seus próprios recursos, recorrendo pontualmente a apoio externo ou endividamento.

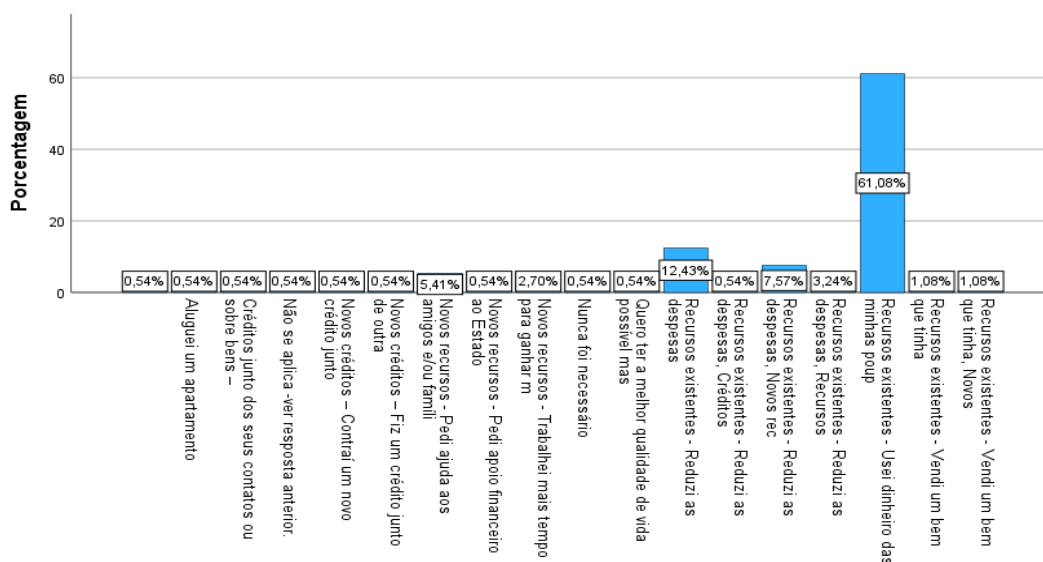


Gráfico 30 – C5.1 Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema

Fonte - SPSS

A pergunta C6 avalia a resiliência financeira dos indivíduos ao questionar por quanto tempo conseguiriam cobrir as suas despesas caso perdessem a principal fonte de rendimento, sem existir a necessidade de pedir dinheiro emprestado. Assim sendo, podemos concluir que a maioria dos inquiridos (53,81%) conseguiria fazê-lo por mais de seis meses, expressando uma situação de maior estabilidade financeira. Por sua vez, 17,38% referem que conseguiriam manter-se financeiramente entre três a seis meses, enquanto 14,29% indicam um intervalo de um a três meses. Percentagens menores reportam capacidades mais limitadas, como 3,10% por menos de uma semana e 2,38% entre uma semana a um mês. Através da análise conclui-se que, embora parte significativa da população revele comportamentos financeiros preventivos, subsiste uma fração relevante da amostra economicamente vulnerável.

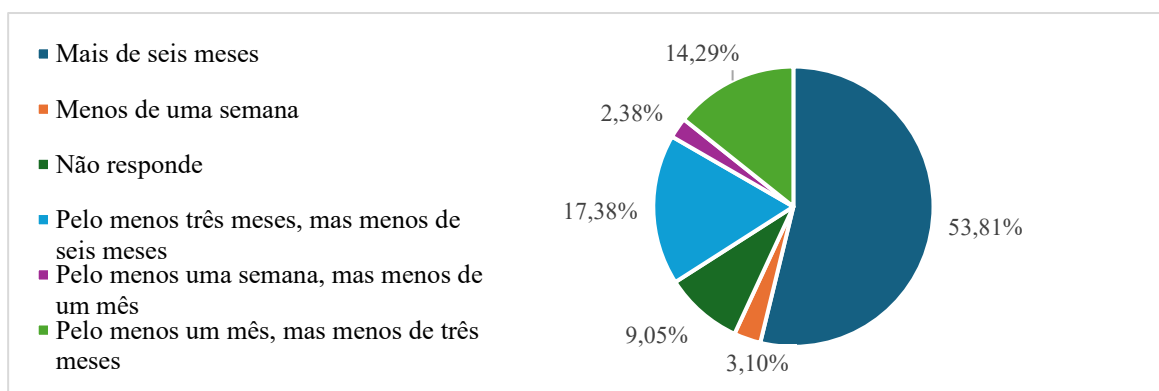


Gráfico 31 – C6. Se perdesse a sua principal fonte de rendimento, por quanto tempo poderia cobrir as suas despesas, sem pedir dinheiro emprestado

Fonte – SPSS e Excel

Por fim, a questão C7 visa avaliar a gestão financeira dos participantes perante a obtenção de um rendimento inesperado. Podemos constatar que a maioria significativa 79,71% opta por poupar esse montante, o que revela comportamentos prudentes e alinhados com práticas de planeamento financeiro. Uma minoria refere aplicar esse rendimento em ativos financeiros, como criptomoedas, ações ou fundos de investimento (5,73%), ou destiná-lo ao pagamento de dívidas (5,25%), revelando igualmente uma preocupação com a sustentabilidade financeira. Estratégias combinadas, como poupar uma parte e gastar outra (2,86%), e respostas de consumo imediato (“Gasto tudo”, 3,82%) são menos frequentes. Verificam-se ainda respostas residuais em categorias como “Investimento imobiliário” ou “Pago dívidas e gasto a outra parte” (0,24%), que advém da possibilidade de indicar uma opção “Outra”. Em síntese, os resultados refletem uma forte orientação para a poupança, embora subsistam distintos perfis de comportamentos financeiros entre os inquiridos.

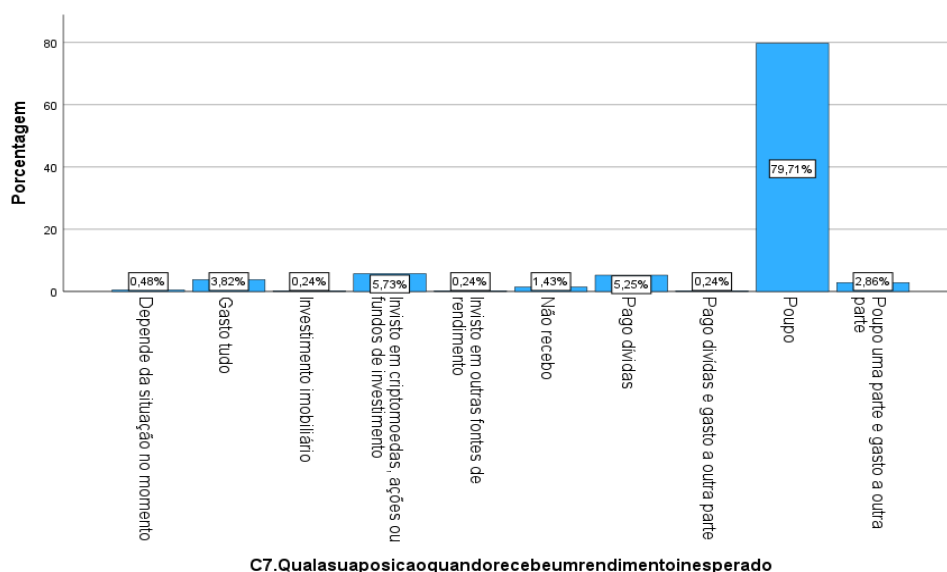


Gráfico 32 – C7. Qual a sua posição quando recebe um rendimento inesperado (bónus, presente, etc.)

Fonte - SPSS

4.4. Caracterização da Literacia financeira da amostra

Para concluir a fase da análise, a quarta parte do questionário teve como propósito avaliar o nível de conhecimento dos participantes relativamente à literacia financeira. Os dados apresentados no gráfico da questão D1 indicam que 53,10% dos inquiridos afirmam possuir apenas alguns conhecimentos básicos sobre o tema. Destaca-se ainda que 38,81% referem conhecer bem o assunto, o que enfatiza uma parcela significativa da amostra com um nível mais

aprofundado de literacia. Por outro lado, 8,10% dos participantes nunca ouviram falar do tema, o que poderá refletir não apenas défices significativos de literacia, mas também possíveis ambiguidades na forma com o tema é percebido. De forma geral os resultados sugerem que a maioria dos participantes possui, pelo menos, um conhecimento introdutório sobre a literacia financeira, ainda que exista a necessidade de promover um maior aprofundamento e disseminação deste conhecimento na população.

Seguidamente, podemos constatar que a maioria dos inquiridos atribui elevada importância ao ensino da literacia financeira no contexto escolar, sendo que 74,29% manifestam total concordância e 20,95% concordam com a sua inclusão no currículo. Em contraste, apenas uma pequena proporção discorda (1,90%) ou não possui opinião formada sobre o tema (2,86%). Estes resultados evidenciam um consenso generalizado quanto à pertinência da inclusão da literacia financeira no sistema de ensino formal.

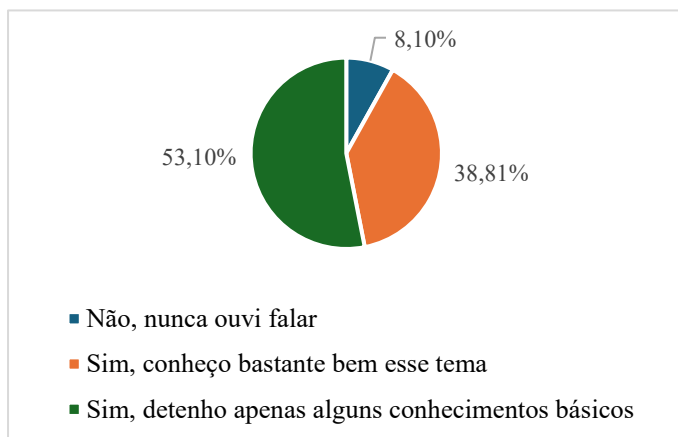


Gráfico 34 – D1. Alguma vez ouviu falar sobre o tema de Literacia financeira

Fonte – SPSS e Excel

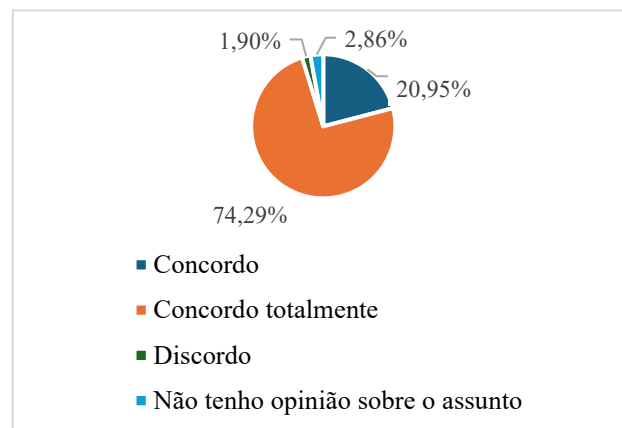


Gráfico 33 – D2. Na sua opinião, a Literacia Financeira é algo que deveria ser ensinado nas escolas

Fonte – SPSS e Excel

Finalmente, a análise à pergunta D3- “Já teve algum tipo de formação sobre literacia financeira” revela que 41,43% dos participantes nunca tiveram qualquer formação nesta área, enquanto 38,33% recorrem à pesquisa autónoma como principal forma de aquisição de conhecimentos. Apenas 20,24% indicam ter tido acesso a formação formal em literacia financeira. Estes resultados evidenciam uma lacuna significativa na oferta de formação estruturada, sublinhando a necessidade de promover iniciativas de educação financeira em contextos formais e acessíveis, de modo a fomentar competências que sustentem uma gestão financeira informada e responsável.

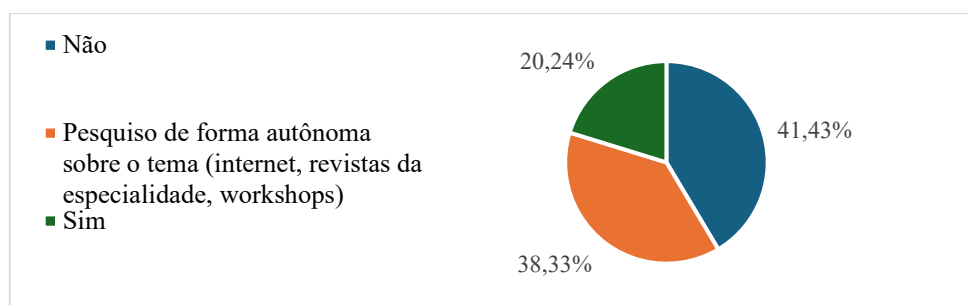


Gráfico 35 – D3. Já teve algum tipo de formação sobre literacia financeira

Fonte – SPSS e Excel

4.5. Correlação entre variáveis

Nesta secção, procede-se à análise de três correlações entre variáveis consideradas relevantes para a presente investigação, com base nos dados recolhidos através do inquérito por questionário anteriormente apresentado. O principal intuito é compreender as relações entre perceções e comportamentos financeiros, em função de diferentes fatores demográficos.

As variáveis em estudo incluem a perceção dos inquiridos relativamente à sua confiança na tomada de decisões financeiras, bem como à avaliação dos seus conhecimentos financeiros, considerando fatores demográficos como a idade, a localização geográfica e o grau de escolaridade. A análise foca-se na forma como estas variáveis interagem, permitindo identificar possíveis diferenças significativas entre os grupos demográficos. Para a realização da análise estatística, foi utilizado o *software* SPSS, devido à sua interface intuitiva e pela capacidade de analisar de forma eficiente grandes volumes de dados (Field, 2022).

➤ B4.1- “Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras?” X A3- “Qual a sua faixa etária?”

A primeira correlação teve como objetivo avaliar se a idade dos participantes tem influência na perceção de confiança e na utilização de informação na tomada de decisões financeiras. Os resultados obtidos através do SPSS (Anexo C) revelam uma associação estatisticamente significativa entre as duas variáveis, conforme indicado pelo Teste do Qui-Quadrado de *Pearson*, que apresenta um valor de 459,999 com 36 graus de liberdade e um valor p inferior a 0,001. Estes dados demonstram a existência de uma relação relevante entre a faixa etária dos inquiridos e o seu grau de confiança na gestão de decisões financeiras. A razão de verossimilhança, com um valor de 91,091 e igualmente um valor p inferior a 0,001, reforça esta conclusão.

Adicionalmente, o coeficiente de associação de V de *Cramer* apresenta um valor de 0,424 ($p < 0,001$), sugerindo uma associação de intensidade moderada forte entre as duas variáveis. Esta medida contribui para validar a consistência da correlação observada. No entanto, é fundamental realçar que 77,6% das células da tabela de contingência apresentaram contagens esperadas inferiores a 5, o que pode comprometer parcialmente a resistência do teste do qui-quadrado, devendo este aspeto ser tido em consideração na interpretação dos resultados.

A análise da tabela de contingência permite observar que os indivíduos mais jovens demonstram, de forma geral, níveis mais baixos de confiança e perceção de informação adequada na tomada de decisões financeiras. Por outro lado, os inquiridos pertencentes às faixas etárias mais elevadas tendem a reportar uma maior autoconfiança nesse domínio. Estes dados sugerem que a maturidade e, possivelmente, a experiência acumulada ao longo da vida contribuem para uma perceção mais sólida das próprias capacidades de gestão financeira. As faixas etárias intermédias revelam uma distribuição mais equilibrada entre níveis de confiança, refletindo talvez diferentes graus de exposição ou envolvimento com responsabilidades financeiras.

Deste modo, os resultados apresentados indicam uma associação significativa entre a idade e a perceção de confiança e informação na tomada de decisões financeiras. Os dados sugerem que à medida que a idade aumenta, também tende a aumentar a perceção de autoconfiança nesta área, sendo os mais jovens aqueles que mais frequentemente expressam insegurança ou falta de informação no que respeita à gestão das suas finanças pessoais.

➤ **B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A4- “Qual o seu nível de escolaridade?”**

De seguida, temos a segunda correlação que procura analisar a possível associação entre o nível de escolaridade dos indivíduos e a forma como estes avaliam os seus conhecimentos financeiros. Para tal, foi realizado o teste do qui-quadrado de *Pearson*, onde os resultados (Anexo D) revelam uma associação estatisticamente significativa entre as duas variáveis. O valor do qui-quadrado é de 462,780 com 35 graus de liberdade e um valor de significância assintótica bilateral inferior a 0,001 ($p < 0,001$), o que indica uma relação estaticamente significativa entre o nível de escolaridade e a autoavaliação dos conhecimentos financeiros.

Este resultado é confirmado pelo teste da razão de verossimilhança, que apresenta um valor de 102,778, também com $p < 0,001$, reforçando novamente a existência de uma associação significativa. Contudo, importa salientar que 31 células da tabela de contingência (64,6%)

apresentaram uma contagem esperada inferior a 5, com uma contagem mínima esperada de 0,03, o que pode comprometer parcialmente o teste estatístico. Ainda assim, os valores de significância e as medidas de associação mantêm-se relevantes para a análise interpretativa.

No que diz respeito às medidas simétricas, o coeficiente *Phi* apresenta um valor de 1,042 e o *V* de *Cramer* um valor de 0,466, ambos com significância aproximada inferior a 0,001. Assim, estes valores indicam uma associação moderada forte entre as duas variáveis em estudo.

Conclui-se que os dados obtidos evidenciam uma associação estatisticamente significativa entre o nível de escolaridade e a autoavaliação dos conhecimentos financeiros. A tendência identificada indica uma prevalência mais acentuada de avaliações positivas dos conhecimentos financeiros entre os indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados, revelando assim o impacto da educação formal na percepção das competências na literacia financeira.

➤ **B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A2 – “Qual a região onde vive atualmente”**

Para concluir, temos a terceira correlação que pretende compreender se a percepção dos indivíduos relativamente aos seus conhecimentos varia em função da região geográfica onde residem atualmente. Para tal, recorreu-se ao teste qui-quadrado de independência, onde os resultados (Anexo E) demonstram uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis em análise.

O valor do qui-quadrado de *Pearson* é de 461,780, com 35 graus de liberdade e um valor- *p* inferior a 0,001, o que evidencia a existência de uma relação significativa entre o local de residência e a percepção do conhecimento financeiro. Esta conclusão é corroborada pelo valor da razão de verossimilhança (102,778), também com um nível de significância de $p < 0,001$. Estes resultados sugerem para uma associação real entre os fatores considerados, sugerindo que o contexto geográfico poderá desempenhar um papel na forma como os indivíduos avaliam as suas competências nesta área.

Apesar da significância estatística, é importante destacar que 31 células da tabela de contingência (equivalente a 64,6% do total) apresentaram contagens esperadas inferiores a 5, o que representa uma limitação do teste e pode afetar o propósito da análise inferencial.

Relativamente à intensidade da associação, o coeficiente de *V* de *Cramer* apresenta um valor de 0,466 ($p < 0,001$), indicando uma associação de magnitude moderada forte entre as variáveis. Este resultado reforça a ideia de que o local de residência pode influenciar a autopercepção dos

conhecimentos financeiros, essencialmente devido a fatores como o acesso à informação, diferenças regionais na educação financeira ou contexto económico local.

Por fim, os dados analisados evidenciam uma associação estatisticamente significativa entre a região de residência dos inquiridos e a forma como avaliam os seus conhecimentos financeiros. Os resultados sugerem que fatores geográficos poderão estar associados a diferentes níveis de autoconfiança financeira.

4.5.1. Verificação das hipóteses

Os resultados alcançados a partir do inquérito por questionário confirmam a hipótese 1 (H1) – “Existe uma relação significativa entre a idade dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira”. De acordo com os dados analisados, verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre a faixa etária dos inquiridos e a sua perceção de confiança e informação na tomada de decisões financeiras, sendo os indivíduos com faixas etárias mais avançadas aqueles que revelam maior autoconfiança neste domínio. Esta evidência sugere que a experiência acumulada ao longo da vida pode desempenhar um papel relevante na construção da literacia financeira, validando assim a H1.

Por outro lado, também se confirma a hipótese 2 (H2), que propõe que “Existe uma relação significativa entre o grau de escolaridade dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira”. Os dados indicam que indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados tendem a avaliar os seus conhecimentos financeiros de forma mais positiva, refletindo o impacto da educação formal na perceção e no domínio de competências financeiras. A associação estatisticamente significativa observada entre as duas variáveis reforça a importância da escolaridade na construção de competências ligadas à literacia financeira.

A hipótese 3 (H3) – “Existe uma relação significativa entre a localização geográfica dos indivíduos e o seu nível de literacia financeira” – é igualmente confirmada. Os resultados demonstram que o local de residência dos inquiridos está associada à forma como avaliam os seus conhecimentos financeiros, com variações que podem estar relacionadas com fatores como o acesso à informação, o contexto económico local ou desigualdades regionais na educação financeira. Esta conclusão revela que o fator geográfico não deve ser desconsiderado quando se analisam comportamentos e perceções no campo da literacia financeira.

5. Discussão dos Resultados

A presente secção tem como principal objetivo proceder à interpretação e análise crítica dos dados obtidos através do inquérito por questionário, centrando-se nos comportamentos, atitudes e níveis de conhecimento financeiro evidenciados pela amostra, bem como práticas associadas à poupança, à gestão de rendimentos e à resiliência financeira. Esta análise será orientada por referenciais teóricos pertinentes, com o propósito de enquadrar os resultados no contexto mais amplo da literacia.

5.1. Parte B - Discussão das Atitudes e Conhecimentos Financeiros da amostra

Os resultados da parte B do inquérito por questionário indicam que 88,33% da amostra afirma tomar, com frequência, decisões financeiras no quotidiano - uma constatação que também pode ser compreendida com base na Teoria do Comportamento Planeado, proposta por Ajzen (1991). Este autor defende que a perceção do controlo sobre o comportamento, aliado à intenção de agir, é determinante para a concretização da ação. Nesse sentido, a elevada frequência na tomada de decisão poderá refletir não apenas uma atitude pró-ativa, mas também uma perceção positiva de autoeficácia.

Contudo, importa salientar que apenas metade dos respondentes (50%) afirma tomar decisões financeiras de forma totalmente autónoma, enquanto uma proporção significativa (37,62%) refere fazê-lo em conjunto com o cônjuge ou companheiro(a). Esta partilha de responsabilidades pode, por um lado, ser interpretada como um indicador de cooperação e complementaridade nas dinâmicas familiares (Tavares et al., 2022), mas por outro, também pode refletir insegurança individual ou insuficiência de conhecimentos.

A diversidade de práticas identificadas na pergunta B3 confirma a heterogeneidade dos comportamentos financeiros adotados: a reduzida adesão a práticas estruturadas sugere que a maioria dos indivíduos ainda não adotou uma abordagem sistemática e informada à gestão das suas finanças. Esta constatação é suportada por Huston (2010), que defende que a literacia financeira não se resume à mera posse de conhecimentos, mas sim à sua aplicação competente e coerente em contextos práticos.

Relativamente à autoperceção dos conhecimentos financeiros (B4), a maioria dos inquiridos afirma ter conhecimentos razoáveis (43,10%) ou bons (33,57%), sendo residual (12,14%) o número de participantes que os considera muito bons. Esta perceção subjetiva, embora moderadamente positiva, poderá não corresponder ao nível de conhecimento efetivo, como

salientam Lusardi et al. (2014): os indivíduos tendem a subestimar as suas competências, o que pode comprometer a qualidade das decisões. Esta ideia é reforçada pelos dados da questão B4.1, na qual 55,71% dos inquiridos afirmam sentir-se confiantes, mas com dúvidas, e 7,86% manifestam insegurança, contrastando com apenas 35,71% que se consideram totalmente confiantes. Estes resultados sugerem a existência de lacunas que poderão afetar a autonomia e eficácia na gestão financeira individual (Roob et al., 2012).

No que concerne à tipologia das decisões financeiras tomadas recentemente (B5), a combinação que inclui decisões relacionadas com crédito, investimentos e conta poupança é a mais representativa (28,57%), apontando uma abordagem financeira mais abrangente. No entanto, a prevalência do crédito como componente central dessas decisões pode estar associada a uma maior suscetibilidade a riscos, particularmente em contextos de fraca literacia (Angrisani et al., 2023). Importa ainda destacar que 12,14% dos participantes não tomaram qualquer decisão financeira relevante, o que poderá refletir numa menor autonomia, desinteresse ou mesmo exclusão financeira, aspetos frequentemente associados à ausência de formação nesta área (Świecka, 2019). Já a variável B6, revela um défice formativo significativo, visto que 64,76% dos inquiridos afirmam que nunca tiveram qualquer tipo de formação em literacia financeira, uma realidade reforçada por Ávila (2023), que se foca na insuficiência de estratégias educativas eficazes em Portugal e confirma as recomendações do Banco de Portugal (2024) e da OCDE (2013), que alertam para a necessidade de uma integração transversal e contínua da educação financeira.

Finalmente, a variável B6.2 indica que a generalidade dos inquiridos recorre à aprendizagem autónoma ou à ajuda de terceiros para adquirir conhecimentos financeiros. Esta disposição para a aprendizagem informal, ainda que fragmentada, evidencia uma motivação individual que poderá ser capitalizada por políticas de capacitação mais abrangentes. Tal como defendem Manson et al. (2000) e Orton (2007), o reconhecimento e a valorização das aprendizagens não formais podem desempenhar um papel crucial na consolidação da literacia financeira ao longo da vida.

5.2. Parte C - Discussão da Poupança, Gestão de Rendimentos e Resiliência financeira da amostra

Este segmento da discussão dos resultados recai sobre os dados da terceira parte do inquérito por questionário, que reflete uma tendência positiva de comportamentos de poupança e resiliência financeira dos inquiridos. A maioria (83,57%) afirma conseguir poupar - sendo que 64,17% poupam regularmente todos os meses – um comportamento que corrobora Almeida et

al. (2022), que identificam a poupança como um dos principais indicadores da literacia financeira em Portugal. Além disso, a utilização de depósitos a prazo e conta à ordem como forma predominante de guardar dinheiro, confirma o evidenciado pelo Banco de Portugal (2024): a preferência por instrumentos conservadores, que sugere níveis razoáveis de literacia e uma aversão ao risco.

A Teoria do Comportamento Planeado (Ajzen, 1991) sustenta que a intenção, influenciada por atitudes, normas e controlo, é um preditor importante do comportamento. Na presente amostra, é possível observar a presença destes três elementos. A atitude propícia à poupança (C4) é visível no facto de 71,19% dos inquiridos declararem ter objetivos financeiros, enquanto 79,71% afirmam poupar rendimentos inesperados (C7). Por outro lado, o elevado controlo percebido é evidente no facto de 90,12% dos inquiridos afirmarem conseguir gerir os seus rendimentos sem necessitarem de se endividar (C3). Desta forma, estes resultados sustentam a validade da teoria, evidenciando uma relação coerente entre a intenção e o comportamento financeiro.

Relativamente à resiliência financeira, 53,81% dos participantes referem ter capacidade de manter o seu nível de vida, por mais de seis meses, na ausência de rendimentos (C6), enquanto 61,08% indicam que recorriam às suas poupanças para fazer face às dificuldades (C5.1) - dados que estão em consonância com o Banco de Portugal (2024), que associa níveis mais elevados de literacia financeira a uma maior resiliência face a instabilidades financeiras. Contudo, existem também indícios de vulnerabilidade na amostra, pois cerca de 24,76% consideram o rendimento insuficiente face ao custo de vida (C5), e 9,05% mencionam ter uma resiliência inferior a um mês sem rendimentos (C6), o que reflete uma fragilidade financeira significativa. Adicionalmente, 16,43% não conseguem poupar (C1) e 11,5% pouparam raramente (C1.1), o que demonstra que uma parte da população não apresenta comportamentos consistentes com uma gestão financeira sustentável. Estes dados refutam parcialmente a ideia de que a literacia financeira, por si, só, garante comportamentos financeiros eficazes, demonstrando que existem outros fatores contextuais ou comportamentais que podem ter influência (Ajzen, 1991).

Importa ainda realçar uma discrepância relevante entre o planeamento e ação. Apesar de 71,19% dos inquiridos afirmarem ter objetivos financeiros (C4), 8,96% não adotam qualquer estratégia para os alcançar (C4.1), e apenas 15,92% apontam a redução de despesas como uma medida concreta para atingir esses objetivos (C4.1). Esta discrepância entre a intenção e

comportamento efetivo é mencionada por Ajzen (1991), que sublinha a necessidade de integrar fatores como emoções e hábitos na compreensão do comportamento financeiro.

O modelo de Porto et al. (2016), que relaciona diretamente a literacia financeira com a percepção de bem-estar e a adoção de comportamentos financeiros saudáveis, enquadra adequadamente os dados obtidos. A amostra sugere que níveis mais elevados de literacia e percepção de controlo estão associados a maior capacidade de poupança e resiliência financeira, evidenciando a influência significativa de fatores individuais no comportamento económico.

Em síntese, os resultados confirmam que níveis elevados de literacia financeira e percepção de controlo estão associados a comportamento financeiros sustentáveis, como a poupança e a resiliência face a imprevistos. No entanto, existem grupos vulneráveis em que esse conhecimento não se traduz em ações concretas - que evidencia limitações da Teoria do Comportamento Planeado e justifica a adoção de modelos mais abrangentes, como o de Porto et al. (2016), que consideram fatores emocionais e contextuais na explicação do comportamento.

5.3. Parte D - Discussão da Literacia financeira da amostra

A quarta secção do inquérito por questionário teve como finalidade avaliar o nível de conhecimento dos participantes sobre a literacia financeira, bem como compreender a percepção sobre a sua relevância no contexto educativo e o acesso prévio a formação específica nesta área.

Relativamente ao autoconhecimento em literacia financeira verifica-se que a maioria dos inquiridos (52,14%) afirmam ter alguns conhecimentos básicos sobre o tema, enquanto 38,81% indicam ter um conhecimento mais aprofundando. Por outro lado, 8,10% afirmam nunca ter ouvido falar do conceito. Esta distribuição releva a existência de uma consciência geral sobre a literacia financeira, ainda que dominada por uma percepção de conhecimento limitado. Estes resultados convergem com as conclusões de Lusardi e Mitchell (2014), que destacam a persistência de níveis reduzidos de literacia financeira à escala global, inclusive entre indivíduos com amplo acesso à informação digital.

No que se refere à percepção da importância da inclusão da literacia financeira no currículo escolar, observa-se um consenso expressivo entre os participantes. Estes dados confirmam os argumentos de autores como Vitt et al. (2000) e Rahmandoust et al. (2011), que defendem a inclusão sistemática da educação financeira desde os níveis iniciais de escolaridade de modo a promover competências críticas ao longo da vida. Do ponto de vista das políticas públicas, esta

evidência reforça a orientação proposta pelo Quadro de Competências Financeiras para Adultos da OCDE (Banco de Portugal, 2022), que recomenda intervenções educativas formais e contínuas para desenvolver a cidadania económica.

A terceira dimensão analisada nesta segmentação - o acesso prévio a formação em literacia financeira - revela uma lacuna substancial: cerca de 41,43% dos participantes nunca tiveram qualquer tipo de formação na área e 38,33% reportam aprendizagem autodidata. Estes dados reforçam a constatação de Mihalčová et al. (2014), que destacam a urgência de iniciativas estruturadas e institucionalizadas para o conhecimento financeiro, que vão além da autorresponsabilização individual. A aprendizagem informal, embora relevante, tende a ser fragmentada, descontextualizada e nem sempre baseada em fontes fidedignas (Huston, 2010). Neste sentido, importa destacar que, segundo Ajzen (1991), o comportamento planeado depende da perceção de controlo e das normas subjetivas, sendo que a ausência de formação pode comprometer a confiança dos indivíduos na tomada de decisões financeiras informadas. Ainda, segundo Roob et al. (2012), baixos níveis de literacia estão correlacionados com menos propensão à procura de aconselhamento profissional e com decisões financeiras menos eficazes.

Finalmente, a análise global dos dados obtidos permite concluir que, embora exista uma consciência generalizada sobre a importância da literacia, esta não é acompanhada por um nível de conhecimento adequado nem por uma oferta formativa suficientemente robusta. Assim, reafirma-se a necessidade de reforçar as políticas de educação financeira, conforme defendido por organismos internacionais como a OCDE (2013, 2016, 2017) e investigadores como Tavares et al. (2022) ou Ávila (2023), de modo a promover competências que sustentem uma gestão financeira individual e familiar mais responsável.

6. Conclusão

Concluídas as etapas inerentes à elaboração da presente dissertação, procede-se à validação das hipóteses de investigação e à avaliação dos objetivos propostos, apresentando-se, de seguida, as principais conclusões do estudo. O objetivo geral desta investigação consiste em identificar e compreender os principais fatores que influenciam o nível de literacia financeira da população portuguesa, adotando-se uma abordagem quantitativa através de um inquérito por questionário. A análise confirmou relações estatisticamente significativas entre o nível de literacia financeira e variáveis como a idade, o grau de escolaridade e a localização geográfica.

Os resultados obtidos demonstram que indivíduos com maior nível de escolaridade têm uma perceção mais positiva dos seus conhecimentos financeiros, destacando a relevância da educação formal, conforme defendido por Huston (2010), Lusardi e Mitchell (2014) e Remund (2010). Adicionalmente, verificou-se que a experiência, refletida nas faixas etárias mais avançadas, está positivamente associada a um maior grau de autoconfiança nas decisões financeiras, confirmando os pressupostos defendidos por Angrisani et al. (2023) e Rahmandoust et al. (2011).

A localização geográfica revelou-se igualmente uma variável significativa, correlacionada com diferentes níveis de perceção e autoconfiança financeira, explicada pelas assimetrias regionais no acesso à informação e à formação financeira (Tavares, Almeida e Soares, 2022; Ávila, 2023). Estes dados reforçam a necessidade de políticas públicas adaptadas para mitigar disparidades regionais e promover a inclusão financeira.

Sucintamente, os resultados obtidos indicam atitudes positivas em relação à poupança e ao planeamento financeiro, no entanto com uma lacuna considerável na educação financeira formal, visto que a maioria dos conhecimentos são adquiridos de forma autónoma. Assim, destaca-se a necessidade de reforçar a formação financeira estruturada, desde os níveis iniciais de ensino, como recomendado pela OCDE (2013, 2020) e pelo Banco de Portugal (2024).

A análise de dados válida empiricamente os princípios da Teoria do Comportamento Planeado de Ajzen (1991), ao evidenciar que os comportamentos financeiros são influenciados não apenas pelo conhecimento adquirido, mas também pelas suas atitudes, perceções de controlo e normas sociais (Świecka 2019 e Utami et al., 2025).

Não obstante os contributos do presente estudo, cumpre referir algumas limitações. A amostra não probabilística e obtida por conveniência, apresentou uma sobre representação de indivíduos

com formação superior, o que poderá ter enviesado os resultados em direção a níveis mais elevados de literacia. Para além disto, a natureza autoavaliativa de algumas questões pode ter influenciado a perceção subjetiva dos respondentes quanto ao seu próprio nível de conhecimento.

Após a apresentação das variáveis centrais do estudo e correlação entre os objetivos da investigação, torna-se pertinente refletir sobre as limitações do estudo. Em primeiro lugar, destaca-se ausência de consenso sobre o conceito de literacia financeira, dada a diversidade de definições (Tavares & Almeida, 2021). Em segundo lugar, como base em Angrisani et al. 2023, destacam-se desafios empíricos como traços de personalidade individuais e habilidades individuais que podem impactar na aquisição de competências financeiras. Estas características são consideradas como variáveis não observadas e não são mensuradas. Por fim, a limitação da amostra, derivada da baixa taxa de adesão a inquéritos, compromete a representatividade e a veracidade dos dados, dificultando conclusões precisas sobre o contexto estudado (Almeida, Chanoca & Tavares, 2024).

A presente dissertação reconhece a existência de alternativas metodológicas e de resultados potenciais que justificam o aprofundamento em investigações futuras. Nesse sentido, recomenda-se a adoção de amostras probabilísticas mais representativas da diversidade sociodemográfica da população, bem como a realização de estudos longitudinais que permitam avaliar o impacto de políticas públicas, nomeadamente o Quadro de Competências Financeiras para Adultos, promovido pelo Banco de Portugal (2022). Adicionalmente, sugere-se a análise aprofundada das causas subjacentes à resistência de determinados grupos à adoção de comportamentos financeiros informados, assim como a exploração do papel dos conteúdos digitais — em particular os difundidos em plataformas como *TikTok* ou *Instagram* — na promoção da literacia financeira, conforme referem Pires (2023) e a APEC (2014). Por fim, a realização de estudos comparativos de âmbito internacional revela-se igualmente pertinente, permitindo desenvolver estratégias ajustadas às especificidades culturais, económicas e tecnológicas de diferentes realidades.

A presente investigação aprofunda o conhecimento sobre a literacia financeira em Portugal, identificando os seus principais determinantes e desafios. Reforça-se a sua relevância na tomada de decisões informadas, na prevenção do sobre-endividamento e na promoção de uma sociedade mais consciente e resiliente, destacando-se a importância do envolvimento de agentes institucionais e políticos na sua promoção.

7. Referências Bibliográficas

- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational behavior and human decision processes*, 50(2), 179-211.
- Ajzen, I. (2002). Constructing a TPB questionnaire: Conceptual and methodological considerations. *Unpublished manuscript*, University of Massachusetts Amherst.
- Almeida, L., Chanoca, J., & Tavares, F. (2024). Financial literacy: A case study for Portugal. *Journal of Risk and Financial Management*, 17(5), 215.
- Almeida, L. G., Tavares, F. O., & Pereira, A. M. (2015). *Financial literacy: A case study for Portugal*. *Journal of Risk and Financial Management*, 8(4), 215–235.
- Alshebami, A. S., & Aldhyani, T. H. H. (2022). The interplay of social influence, financial literacy, and saving behaviour among Saudi youth and the moderating effect of self-control. *Sustainability*, 14(14), 8780.
- Angrisani, M., Burke, J., Lusardi, A., & Mottola, G. (2023). The evolution of financial literacy over time and its predictive power for financial outcomes: evidence from longitudinal data. *Journal of Pension Economics & Finance*, 22(4), 640-657.
- APEC. (2014). *APEC Guidebook on Financial and Economic Literacy in Basic Education* (p.17). Human Resources Development Working Group.
- Ávila, P. (2023). Estudos extensivos de literacia em Portugal: um balanço.
- Bajo, E., & Barbi, M. (2018). Financial illiteracy and mortgage refinancing decisions. *Journal of Banking & Finance*, 94, 279-296.
- Banco de Portugal. (2013). Newsletter Biblioteca. *Banco de Portugal*, (1).
- Banco de Portugal. (2022). Quadro de competências financeiras para adultos. *OECD*.
- Banco de Portugal. (2023). *Relatório de Supervisão Comportamental 2023*. Banco de Portugal.
- Banco de Portugal. (2024). Relatório do 4.º Inquérito à Literacia Financeira da População Portuguesa (2023). Banco de Portugal.
- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., & Ávila, P. (1996). *A literacia em Portugal: Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Fundação Calouste Gulbenkian / Conselho Nacional de Educação.
- Boeri, T., & Guiso, L. (2008). The subprime crisis: Greenspan's legacy. In A. Felton & C. Reinhart (Eds.), *The first global financial crisis of the 21st century: Part 1 August 2007 - May 2008* (pp. 1–5). CEPR Press.
- Brochado, A., & Mendes, V. (2021). Literacia financeira e poupança: uma revisão sistemática da literatura. *Cadernos do Mercado de Valores Mobiliários*, (62), 5–28.
- Barnham, C. (2015). *Quantitative research in social sciences: A guide for postgraduates*. SAGE Publications.
- Cole, S., Sampson, T., & Zia, B. (2011). Prices or knowledge? What drives demand for financial services in emerging markets? *Journal of Finance*, 66(6), 1933–1967.
- Conselho Nacional de Supervisores Financeiros. (2021). *Relatório do 3.º Inquérito à Literacia Financeira da população portuguesa – 2020*. Banco de Portugal.

- Delavande, A., Rohwedder, S., & Willis, R. J. (2008). *Preparation for retirement, financial literacy and cognitive resources* (Michigan Retirement Research Center Research Paper No. UM08-07 / WP2008-190). University of Michigan.
- Field, A. P. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (4th ed.). SAGE Publications.
- Field, A. (2022). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (5ª ed.). SAGE Publications.
- Field, A. (2024). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. Sage publications limited.
- Flick, U. (2005a), *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*, 2.a ed., Ed. Monitor.
- Flick, U. (2005b), “Triangulation in Qualitative Research”, em Flick, U., E. V. Kardorff, e I. Steinke (eds.), *A Companion to Qualitative Research*, Sage, pp. 178-183.
- Governo de Portugal. (2024). *Literacia financeira dos alunos portugueses caiu em linha com os outros domínios avaliados pelo PISA*.
- Hung, A., Parker, A. M., & Yoong, J. (2009). Defining and measuring financial literacy.
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *Journal of consumer affairs*, 44(2), 296-316.
- IAVE – Instituto de Avaliação Educativa. (2024). *Brochura literacia financeira PISA 2022*.
- Joo, S. H., & Grable, J. E. (2004). An analysis of factors influencing financial satisfaction. *Journal of Financial Counseling and Planning*, 15(1), 1–11.
- Kaiser, T., & Menkhoff, L. (2020). Financial education in schools: A meta-analysis of experimental studies. *Economics of Education Review*, 78, 101930.
- Kiril, K. O. S. S. E. V. (2020). OECD/INFE 2020 international survey of adult financial literacy.
- Kirsch, I. (2001). *The International Adult Literacy Survey (IALS): Understanding what was measured* (ETS Research Report Series, 2001⁽²⁾, pp. i–61). Educational Testing.
- Lewis, S., & Messy, F. (2012). *Financial education, savings and investments: An overview. OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions*, No. 22, OECD Publishing, Paris.
- Literacy, F. PISA 2012 Assessment and Analytical Framework.
- Literacy, I. F. (2005). Analysis of issues and policies. *Financial Market Trends*, 2005, 2.:
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2009). Financial literacy: Evidence and implications for financial education. *Trends and issues*, 155, 1-10.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2011). *Financial literacy and planning: Implications for retirement well-being. National Bureau of Economic Research*.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *American Economic Journal: Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44.
- Lusardi, A., & Mitchell, O. S. (2014). The economic importance of financial literacy: Theory and evidence. *American Economic Journal: Journal of Economic Literature*, 52(1), 5-44.
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Marotti, J., Galhardo, A. P. M., Furuyama, R. J., Pigozzo, M. N., Campos, T. D., & Laganá, D. C. (2008). Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. *Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo*, 20(2), 186-194.

- Mason, C. L. J., & Wilson, R. M. S. (2000). Conceptualising fi-financial literacy. *Occasional paper*, 7, 3-40.
- Maxwell, J. A. (2013). *Qualitative research design: An interactive approach: An interactive approach*. sage.
- Mihalčová, B., Csikosova, A., & Antošová, M. (2014). Financial literacy—the urgent need today. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 109, 317-321.
- Mian, T. S. (2014). Examining the level of financial literacy among Saudi investors and its impact on financial decisions. *International Journal of Accounting and Financial Reporting*, 4(2), 312-
- Noctor, M., Stoney, S., & Stradling, R. (1992). Financial Literacy, a report prepared for the National Westminster Bank. *National Foundation for Educational Research, London*.
- OECD. (2005). *Improving financial literacy: Analysis of issues and policies*. OECD Publishing.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OCDE). (2013). *PISA 2012 assessment and analytical framework: Mathematics, reading, science, problem solving and financial literacy* (OECD Publishing).
- OCDE. (2015). *PISA 2015 results (Volume IV): Students' financial literacy*. OECD Publishing.
- OCDE. (2016). OECD/INFE International Survey of Adult Financial Literacy Competencies. OCDE Publishing.
- OCDE. (2017). *G20/OECD INFE report on adult financial literacy in G20 countries*. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.
- OCDE. (2020). OECD/INFE 2020 International Survey of Adult Financial Literacy. OCDE Publishing.
- OCDE. (2021). *Financial literacy levels in the Commonwealth of Independent States (CIS)*. OCDE Publishing.
- Orton, L. (2007). *Financial literacy: Lessons from international experience*. Ottawa, ON, Canada: Canadian Policy Research Networks, Incorporated.
- Pinto, H. G., Dias, I. S., Abreu, M. O., Muñoz, R. G., Brites, L., & Bento, J. (2019). *VIII Conferência Internacional Investigação, Práticas e Contextos em Educação 2019*. D. Alves (Ed.). Edição Eletrónica Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Politécnico de Leiria.
- Pires, S. (2023). A utilização das tecnologias de comunicação como instrumento para a literacia financeira dos portugueses.
- PISA, O. (2017). Results (Volume IV): Students' Financial Literacy; PISA.
- Porto, N., & Xiao, J. J. (2016). Financial literacy overconfidence and financial advice seeking. *Porto, N., & Xiao, JJ (2016). Financial Literacy Overconfidence and Financial Advice Seeking. Journal of Financial Service Professionals*, 70(4).
- Portugal. (2024). *Programa de literacia financeira para jovens* [Diário da República]. *Orçamento do Estado para 2025*.
- Portugal. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (2024). *Diário da República, 1.ª série, Suplemento, nº 25301*.

- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Mendes-Da-Silva, W. (2016). Development of a financial literacy model for university students. *Management Research Review*, 39(3), 356-376.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2013). *Pesquisa social: Teoria, método e técnicas* (7^a ed.). Artmed.
- Quivy, R., & Campenhoudt, V. (2005). Luc. *Manual de investigação em Ciências Sociais*, 4.
- Quivy, R., Van Campenhoudt, L., & Santos, R. (1992). Manual de investigação em ciências sociais.
- Rahmandoust, M., Shah, I. M., Norouzi, M., Hakimpour, H., & Khani, N. (2011). Teaching financial literacy to entrepreneurs for sustainable development. *OIDA International Journal of Sustainable Development*, 2(12), 61-66.
- Remund, D. L. (2010). Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *Journal of consumer affairs*, 44(2), 276-295.
- Robb, C. A., Babiarz, P., & Woodyard, A. (2012). The demand for financial professionals' advice: The role of financial knowledge, satisfaction, and confidence. *Financial Services Review*, 21(4), 291-306.
- Slade-Brooking, L. (2018). *Understanding quantitative research in social science*. Springer.
- Smith, W. G. (2008). Does gender influence online survey participation? A record-linkage analysis of university faculty online survey response behavior. *Online submission*.
- Świecka, B. (2019). A theoretical framework for financial literacy and financial education. *Financial literacy and financial education*, 1-12.
- Tavares, F. O. & Almeida, L. G. (2021), A Literacia Financeira: Uma Revisão de Literatura, *Percursos & Ideias*, Vol. 11, pp. 73-88.
- Tavares, F. O., Almeida, L. G., & Soares, V. S. (2022). Literacia financeira: Um estudo para Portugal. *Portuguese Journal of Finance, Management and Accounting*, 8(15).
- Thaden, L. L., & Rookey, B. D. (2005). Financial decision-making and economic inequality: Sources of influence on college students' financial literacy. In *AFCPE Annual Conference, Inequalities Seminar*, Scottsdale, AZ.
- Utami, E. M., Gusni, G., Yuliani, R., & Pesakovic, G. (2025). Financial knowledge and social influence on Generation Z intention to invest: The mediating role of financial attitude and literacy. *Media Ekonomi dan Manajemen*, 40(1), 121–147.
- Vergara, S. (1997). Metodologia de pesquisa social. *São Paulo: Atlas*, 44-50.
- Vergara, S. C. (2016). *Métodos de pesquisa em administração* (5^a ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Vitt, L. A., Anderson, C., Kent, J., Lyter, D. M., Siegenthaler, J. K., & Ward, J. (2000). *Personal finance and the rush to competence: Financial literacy education in the U.S.* Institute for Socio-Financial Studies.
- Yong, H. M., & Mohd, N. (2018). *Financial education is a learning process that helps people make sound financial decisions and manage their money effectively*.

Pergunta: C4.1

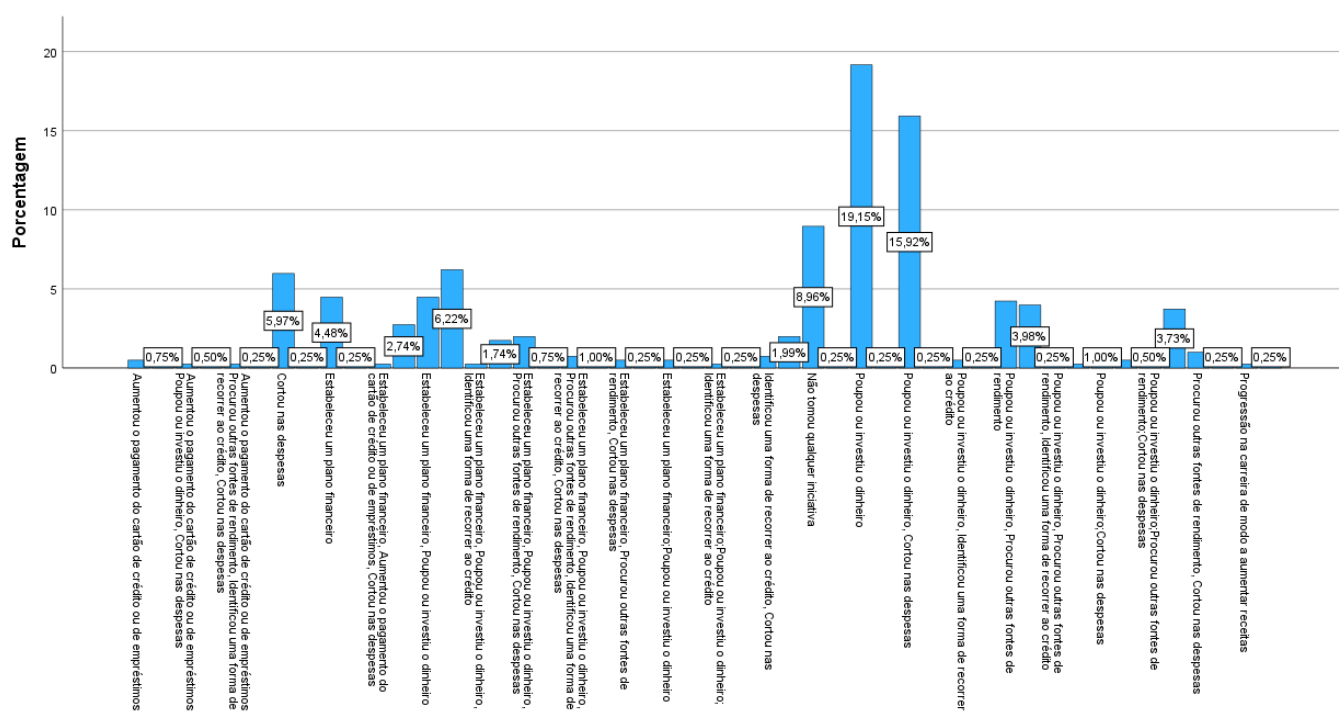


Gráfico 37 – C4.1 Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros

Fonte – SPSS

Anexo B: Questionário

Formulário sobre a Literacia Financeira

B *I* U ↺ ↻

As repostas a este questionário são estritamente para fins académicos e serão tratados de forma totalmente anónima. Agradecemos a sua colaboração!

A1. Qual o seu género? *

☐ Feminino

☐ Masculino

☐ Outro

☐ Prefiro não responder

A2. Qual a região onde vive atualmente? *

☐ Norte

☐ Centro

☐ Lisboa e Vale do Tejo

☐ Alentejo

☐ Algarve

☐ Região Autónoma dos Açores

☐ Região Autónoma da Madeira

A3. Qual a sua faixa etária? *

- ☐ Menos de 18 anos
- ☐ 18-25 anos
- ☐ 26-35 anos
- ☐ 36-50 anos
- ☐ 51-69 anos
- ☐ Acima de 70 anos

A4. Qual o seu nível de escolaridade? *

- ☐ Ensino Básico 1º Ciclo (1º, 2º, 3º e 4º Anos)
- ☐ Ensino Básico 2º Ciclo (5º e 6º Anos)
- ☐ Ensino Básico 3º Ciclo (7º, 8º e 9º Anos)
- ☐ Ensino Secundário (10º, 11º e 12º Anos)
- ☐ Ensino Secundário em cursos de dupla certificação ou que incluam estágio profissional de 6 meses (pel...
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Pós-graduação

A5. Indique a sua área principal de escolaridade/estudos? *

- ☐ Ciências Económicas e de Gestão
- ☐ Ciências Exatas e Tecnológicas
- ☐ Ciências Biológicas e da Saúde
- ☐ Ciências Humanas e Sociais
- ☐ Ciências da Comunicação
- ☐ Outra opção...

A6. Qual o seu estado civil? *

- ☐ Solteiro(a)
- ☐ Casado(a)
- ☐ Divorciado(a)
- ☐ Viúvo(a)

A7. Em que situação laboral ou ocupacional se encontra? *

- ☐ Ativo - Trabalha por conta de outrem
- ☐ Ativo - Trabalha por conta própria
- ☐ Ativo - Trabalha por conta própria e por conta de outrem
- ☐ Ativo - Estuda e trabalha a tempo parcial
- ☐ Ativo - Desempregado
- ☐ Ativo - Aposentado/Reformado COM atividade
- ☐ Não ativo - Estuda a tempo inteiro
- ☐ Não ativo - Trabalha em casa a tratar da família
- ☐ Não ativo - Aposentado/Reformado SEM atividade
- ☐ Outra opção...

A8. Qual o seu rendimento mensal líquido? *

- ☐ Menos de 500€
- ☐ 500€ - 1000€
- ☐ 1000€ - 2000€
- ☐ 2000€ - 3000€
- ☐ Mais de 3000€
- ☐ Prefiro não responder

A9. Tem algum rendimento extra? *

- ☐ Sim, todos os meses
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não, nunca
- ☐ Outra opção...

A9.1 Se sim, qual o rendimento?

Texto de resposta curta

A10. Possui dependentes financeiros (Filhos, Pais, outros)? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

A10.1. Se sim, quantos?

Texto de resposta curta

A11. Com quem habita normalmente? *

- ☐ Sozinho
- ☐ Com o cônjuge/companheiro(a)
- ☐ Com os pais
- ☐ Com outros familiares
- ☐ Com amigos, colegas ou estudantes
- ☐ Com filhos menores de 18 anos (seus ou do seu cônjuge/ companheiro/a)
- ☐ Com filhos maiores de 18 anos (seus ou do seu cônjuge/ companheiro/a)
- ☐ Com outros menores de 18 anos
- ☐ Noutro tipo de agregado

A11.1. Quantos adultos (maiores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? (NOTA: Apenas responde se na A11 não respondeu "sozinho")

Texto de resposta curta

.....

A11.2. Quantos dependentes (menores de 18 anos) fazem parte do seu agregado familiar (incluindo o próprio)? (NOTA: Apenas responde se na A11 respondeu "com filhos menores de 18 anos" ou "com outros menores de 18 anos")

Texto de resposta curta

.....

B.1. Toma decisões do dia-a-dia sobre o seu dinheiro? *

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não

B2. Quem é responsável por tomar decisões no seu dia-a-dia sobre o dinheiro? *

- ☐ Toma as decisões sozinho(a)
- ☐ Toma as decisões em conjunto com o seu cônjuge/companheiro(a)
- ☐ Toma as decisões em conjunto com outra pessoa
- ☐ As decisões são tomadas por outra pessoa
- ☐ Outra opção...

B3. Alguma das seguintes afirmações se aplica a si ou ao seu agregado familiar? (MÚLTIPLA) *

- ☐ Faz um plano para gerir o seu rendimento e as suas despesas
- ☐ Toma nota das suas despesas
- ☐ Separa o dinheiro para pagar as contas fixas e para pagar os gastos do dia-a-dia
- ☐ Toma nota das contas que terá de pagar de forma a não se esquecer
- ☐ Utilizo a aplicação do banco ou uma ferramenta de gestão de finanças pessoais para controlar as despe...
- ☐ Tem pagamentos automáticos para despesas regulares
- ☐ Nenhuma das afirmações se aplica
- ☐ Outra opção...

B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros? *

- ☐ Muito bons
- ☐ Bons
- ☐ Razoáveis
- ☐ Fracos
- ☐ Muito fracos
- ☐ Outra opção...

B4.1. Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras? *

- ☐ Sim, completamente confiante
- ☐ Tenho algumas dúvidas
- ☐ Não, sinto-me inseguro(a)
- ☐ Outra opção...

B5. Já tomou decisões financeiras importantes? (MÚLTIPLA) *

- ☐ Crédito
- ☐ Investimentos
- ☐ Conta poupança
- ☐ Não
- ☐ Outra opção...

B6. Teve algum tipo de educação financeira (na escola ou noutro contexto)? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Outra opção...

B6.1. O seu agregado familiar tem o hábito de falar sobre dinheiro ou ensinar sobre finanças? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

B6.2. Aprendeu sobre finanças por conta própria ou com ajuda de terceiros? *

- ☐ Sim, com iniciativa própria
- ☐ Sim, com ajuda de terceiros
- ☐ Não, não procurei aprender

C1. Consegue poupar regularmente uma parte do seu rendimento? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

C1.1 Se sim, com que frequência costuma colocar dinheiro de parte para as suas poupanças

- ☐ Regularmente (todos os meses)
- ☐ Ocasionalmente (entre 3 em 3 meses)
- ☐ Raramente (apenas uma vez)
- ☐ Outra opção...

C2. No último ano poupou dinheiro de alguma destas formas? Responda, mesmo que já tenha gasto esse dinheiro. (MÚLTIPLA) *

- ☐ Deixei na minha conta à ordem
- ☐ Coloquei o dinheiro numa conta de depósito a prazo
- ☐ Investi o dinheiro em obrigações
- ☐ Investi o dinheiro em ações ou fundos de investimento
- ☐ Investi o dinheiro em criptoativos (como moedas virtuais ou criptomoedas)
- ☐ Apliquei de outra forma (transferências para a família no exterior, compra de propriedades, compra de o...
- ☐ Guardei o dinheiro em casa
- ☐ Dei o dinheiro à minha família para poupar por mim
- ☐ Não poupei no último ano
- ☐ Outra opção...

C3. Se hoje tivesse uma despesa inesperada no montante equivalente ao seu rendimento de um mês, conseguiria pagá-la sem pedir dinheiro emprestado, e sem pedir ajuda à família ou aos seus amigos? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não aplicável (não tem rendimento pessoal)

C4. Algumas pessoas estabelecem metas e objetivos financeiros como, por exemplo, comprar um carro, pagar as propinas da universidade ou pagar os empréstimos. Tem algum objetivo financeiro? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sabe

C4.1. Que iniciativas tomou para alcançar os seus objetivos financeiros? (MÚLTIPLA)

- ☐ Estabeleceu um plano financeiro
- ☐ Aumentou o pagamento do cartão de crédito ou de empréstimos
- ☐ Pou pou ou investiu o dinheiro
- ☐ Procurou outras fontes de rendimento
- ☐ Identificou uma forma de recorrer ao crédito
- ☐ Cortou nas despesas
- ☐ Outra iniciativa. Qual?
- ☐ Não tomou qualquer iniciativa
- ☐ Não sabe
- ☐ Outra opção...

112

C5. Às vezes as pessoas chegam à conclusão de que o seu rendimento não é suficiente para ^{*} cobrir o seu custo de vida. No último ano essa situação aconteceu-lhe?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não aplicável (não tem rendimento pessoal)

C5.1. Da última vez que isto lhe aconteceu, o que é que fez para resolver o problema? (MÚLTIPLA)
(NOTA: Apenas responde se na pergunta anterior selecionou "sim")

- ☐ Recursos existentes - Usei dinheiro das minhas poupanças
- ☐ Recursos existentes - Reduzi as despesas
- ☐ Recursos existentes - Vendi um bem que tinha
- ☐ Novos recursos - Trabalhei mais tempo para ganhar mais dinheiro
- ☐ Novos recursos - Pedi apoio financeiro ao Estado
- ☐ Novos recursos - Pedi ajuda aos amigos e/ou família
- ☐ Créditos junto dos seus contactos ou sobre bens - Pedi emprestado a familiares ou amigos
- ☐ Créditos junto dos seus contactos ou sobre bens - Pedi à minha entidade patronal (ex: empréstimo, ant...
- ☐ Créditos junto dos seus contactos ou sobre bens - Penhorei bens
- ☐ Créditos já contratados - Usei o crédito da minha conta ordenado/de uma linha de crédito que já possuía
- ☐ Créditos já contratados - Usei o cartão de crédito para pagar despesas regulares ou levantar dinheiro (c...
- ☐ Novos créditos - Contraí um novo crédito junto de uma instituição financeira
- ☐ Novos créditos - Fiz um crédito junto de outra entidade (informal)
- ☐ Incumprimento - Fiquei com um descoberto na conta à ordem superior ao autorizado
- ☐ Incumprimento - Paguei as minhas contas fora do prazo / não paguei as minhas contas
- ☐ Outra opção...

C6. Se perdesse a sua principal fonte de rendimento, por quanto tempo poderia cobrir as suas despesas, sem pedir dinheiro emprestado? *

- ☐ Menos de uma semana
- ☐ Pelo menos uma semana, mas menos de um mês
- ☐ Pelo menos um mês, mas menos de três meses
- ☐ Pelo menos três meses, mas menos de seis meses
- ☐ Mais de seis meses
- ☐ Não responde

C.7. Qual a sua posição quando recebe um rendimento inesperado (bónus, presente, etc.)? *

- ☐ Poupo
- ☐ Gasto tudo
- ☐ Pago dívidas
- ☐ Invisto em criptomoedas, ações ou fundos de investimento
- ☐ Outra opção...

D.1. Alguma vez ouviu falar sobre o tema de Literacia financeira? *

- ☐ Sim, conheço bastante bem esse tema
- ☐ Sim, detenho apenas alguns conhecimentos básicos
- ☐ Não, nunca ouvi falar

D.2. Na sua opinião, a Literacia Financeira é algo que deveria ser ensinado nas escolas? *

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo
- ☐ Discordo
- ☐ Não tenho opinião sobre o assunto

D.3. Já teve algum tipo de formação sobre literacia financeira? *

- ☐ Sim
- ☐ Pesquisa de forma autónoma sobre o tema (internet, revistas da especialidade, workshops)
- ☐ Não

Anexo C: Correlação B4.1- “Sente-se confiante e informado na tomada de decisões financeiras?” X A3- “Qual a sua faixa etária?”

Fonte: SPSS

Resumo de processamento de casos

	Válido		Casos Omisso		Total	
	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
A3.Qualasuafaixaetaria * B4.1. Senteseconfianteeinforma donatomadadedecisoefin anceiras	426	100,0%	0	0,0%	426	100,0%

Tabulação cruzada A3.Qualasuafaixaetaria * B4.1.Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras

		B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras							Total
		Depende das decisões	Nao me preocupo com isso	Não, sinto-me inseguro(a)	Sim, completament e confiante	Sinto que progrido todos os dias, cont	Tenho algumas dúvidas		
A3. Qualasuafaixaetaria	Contagem	6	0	0	0	0	0	6	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	
	% do Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	
	Contagem	0	0	0	5	15	1	29	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%	30,0%	2,0%	58,0%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	0,0%	0,0%	15,2%	10,0%	100,0%	12,4%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	3,5%	0,2%	6,8%	
	Contagem	0	0	0	10	19	0	34	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,0%	0,0%	15,9%	30,2%	0,0%	54,0%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	0,0%	0,0%	30,3%	12,7%	0,0%	14,5%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	2,3%	4,5%	0,0%	8,0%	
	Contagem	0	0	0	9	44	0	71	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,0%	0,0%	7,3%	35,5%	0,0%	57,3%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	0,0%	0,0%	27,3%	29,3%	0,0%	30,3%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	2,1%	10,3%	0,0%	16,7%	
	Contagem	0	1	1	7	65	0	94	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,6%	0,6%	4,2%	38,7%	0,0%	56,0%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	100,0%	100,0%	21,2%	43,3%	0,0%	40,2%	
	% do Total	0,0%	0,2%	0,2%	1,6%	15,3%	0,0%	22,1%	
	Contagem	0	0	0	0	5	0	6	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	45,5%	0,0%	54,5%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,3%	0,0%	2,6%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%	0,0%	1,4%	
	Contagem	0	0	0	2	2	0	4	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	50,0%	0,0%	100,0%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	0,0%	0,0%	0,0%	6,1%	1,3%	0,0%	0,9%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	0,5%	0,0%	0,9%	
Total	Contagem	6	1	1	33	150	1	234	
	% em A3. Qualasuafaixaetaria	1,4%	0,2%	0,2%	7,7%	35,2%	0,2%	54,9%	
	% em B4.1. Senteseconfianteinformadonatomadadedecisoefinanceiras	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	1,4%	0,2%	0,2%	7,7%	35,2%	0,2%	54,9%	

Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	459,499 ^a	36	<,001
Razão de verossimilhança	91,092	36	<,001
N de Casos Válidos	426		

a. 38 células (77,6%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,01.

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Fi	1,039	<,001
	V de Cramer	,424	<,001
N de Casos Válidos		426	

Anexo D: Correlação B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A4- “Qual o seu nível de escolaridade?”

Fonte: SPSS

Resumo de processamento de casos

	Válido		Casos Omisso		Total	
	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
A4. Qual o seu nível de escolaridade * B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros	426	100,0%	0	0,0%	426	100,0%

Tabulação cruzada A4.Qualoseuniveldeescolaridade * B4.Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros

			B4.Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros						
			Bons	Fracos	Muito bons	Muito fracos	Razoáveis	Total	
A4. Qualoseuniveldeescolaridade	Contagem	6	0	0	0	0	0	6	
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	
	% do Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%	
	"Ensino Básico 1º Ciclo	Contagem	0	0	0	1	0	1	
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	0,0%	0,0%	2,0%	0,0%	0,0%	0,2%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,2%	
	"Ensino Básico 3º Ciclo (7º,8º e 9º Anos)"	Contagem	0	1	0	0	0	1	
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	
	% do Total	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	
	"Ensino Secundário (10º, 11º e 12º Anos)"	Contagem	0	0	0	0	2	2	
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,1%	0,5%	
	% do Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,5%	0,5%	
	"Ensino Secundário (10º, 11º e 12º Anos)"	Contagem	0	12	0	1	0	10	23
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	52,2%	0,0%	4,3%	0,0%	43,5%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	8,5%	0,0%	2,0%	0,0%	5,5%	5,4%	
	% do Total	0,0%	2,8%	0,0%	0,2%	0,0%	2,3%	5,4%	
	Doutoramento	Contagem	0	73	19	23	3	109	227
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	32,2%	8,4%	10,1%	1,3%	48,0%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	51,8%	46,3%	45,1%	50,0%	60,2%	53,3%	
	% do Total	0,0%	17,1%	4,5%	5,4%	0,7%	25,6%	53,3%	
	Ensino Secundário em cursos de dupla certificação ou que incluam estágio profissional de 6 meses (pelo menos)	Contagem	0	3	2	1	0	7	13
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	23,1%	15,4%	7,7%	0,0%	53,8%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	2,1%	4,9%	2,0%	0,0%	3,9%	3,1%	
	% do Total	0,0%	0,7%	0,5%	0,2%	0,0%	1,6%	3,1%	
	Licenciatura	Contagem	0	18	11	6	1	26	62
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	29,0%	17,7%	9,7%	1,6%	41,9%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	12,8%	26,8%	11,8%	16,7%	14,4%	14,6%	
	% do Total	0,0%	4,2%	2,6%	1,4%	0,2%	6,1%	14,6%	
	Mestrado	Contagem	0	32	7	15	2	23	79
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	40,5%	8,9%	19,0%	2,5%	29,1%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	22,7%	17,1%	29,4%	33,3%	12,7%	18,5%	
	% do Total	0,0%	7,5%	1,6%	3,5%	0,5%	5,4%	18,5%	
	Pós-graduação	Contagem	0	2	2	4	0	4	12
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	0,0%	16,7%	16,7%	33,3%	0,0%	33,3%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	1,4%	4,9%	7,8%	0,0%	2,2%	2,8%	
	% do Total	0,0%	0,5%	0,5%	0,9%	0,0%	0,9%	2,8%	
Total	Contagem	6	141	41	51	6	181	426	
	% em A4. Qualoseuniveldeescolaridade	1,4%	33,1%	9,6%	12,0%	1,4%	42,5%	100,0%	
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	
	% do Total	1,4%	33,1%	9,6%	12,0%	1,4%	42,5%	100,0%	

Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	468,533 ^a	45	<,001
Razão de verossimilhança	103,673	45	<,001
N de Casos Válidos	426		

a. 44 células (73,3%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,01.

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Fi	1,049	<,001
	V de Cramer	,469	<,001
N de Casos Válidos		426	

Anexo E: Correlação B4- “Como avalia os seus conhecimentos financeiros?” X A2 – “Qual a região onde vive atualmente”

Fonte: SPSS

Resumo de processamento de casos

	Válido		Casos Omisso		Total	
	N	Porcentagem	N	Porcentagem	N	Porcentagem
A2. Qual a região onde vive atualmente * B4. Como avalia os seus conhecimentos financeiros	426	100,0%	0	0,0%	426	100,0%

Tabulação cruzada A2.Qualaregiaoondiveatualmente ^ B4.Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros

		B4.Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros						Total
			Bons	Fracos	Muito bons	Muito fracos	Razoáveis	
A2. Qualaregiaoondiveatualmente	Contagem	6	0	0	0	0	0	6
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	% do Total	1,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,4%
	Alentejo Contagem	0	1	4	0	0	10	15
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	6,7%	26,7%	0,0%	0,0%	66,7%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	0,7%	9,8%	0,0%	0,0%	5,5%	3,5%
	% do Total	0,0%	0,2%	0,9%	0,0%	0,0%	2,3%	3,5%
	Algarve Contagem	0	8	2	4	0	9	23
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	34,8%	8,7%	17,4%	0,0%	39,1%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	5,7%	4,9%	7,8%	0,0%	5,0%	5,4%
	% do Total	0,0%	1,9%	0,5%	0,9%	0,0%	2,1%	5,4%
	Centro Contagem	0	20	8	2	0	25	55
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	36,4%	14,5%	3,6%	0,0%	45,5%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	14,2%	19,5%	3,9%	0,0%	13,8%	12,9%
	% do Total	0,0%	4,7%	1,9%	0,5%	0,0%	5,9%	12,9%
	Lisboa e Vale do Tejo Contagem	0	90	18	27	4	100	239
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	37,7%	7,5%	11,3%	1,7%	41,8%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	63,8%	43,9%	52,9%	66,7%	55,2%	56,1%
	% do Total	0,0%	21,1%	4,2%	6,3%	0,9%	23,5%	56,1%
	Norte Contagem	0	13	5	9	0	16	43
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	30,2%	11,6%	20,9%	0,0%	37,2%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	9,2%	12,2%	17,6%	0,0%	8,8%	10,1%
	% do Total	0,0%	3,1%	1,2%	2,1%	0,0%	3,8%	10,1%
	Região Autónoma da Madeira Contagem	0	8	4	8	2	21	43
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	18,6%	9,3%	18,6%	4,7%	48,8%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	5,7%	9,8%	15,7%	33,3%	11,6%	10,1%
	% do Total	0,0%	1,9%	0,9%	1,9%	0,5%	4,9%	10,1%
	Região Autónoma dos Açores Contagem	0	1	0	1	0	0	2
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	0,0%	50,0%	0,0%	50,0%	0,0%	0,0%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	0,0%	0,7%	0,0%	2,0%	0,0%	0,0%	0,5%
	% do Total	0,0%	0,2%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,5%
Total	Contagem	6	141	41	51	6	181	426
	% em A2. Qualaregiaoondiveatualmente	1,4%	33,1%	9,6%	12,0%	1,4%	42,5%	100,0%
	% em B4. Comoavaliaosseusconhecimentosfinanceiros	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	% do Total	1,4%	33,1%	9,6%	12,0%	1,4%	42,5%	100,0%

Testes qui-quadrado

	Valor	df	Significância Assintótica (Bilateral)
Qui-quadrado de Pearson	462,780 ^a	35	<,001
Razão de verossimilhança	102,778	35	<,001
N de Casos Válidos	426		

a. 31 células (64,6%) esperavam uma contagem menor que 5. A contagem mínima esperada é ,03.

Medidas Simétricas

		Valor	Significância Aproximada
Nominal por Nominal	Fi	1,042	<,001
	V de Cramer	,466	<,001
N de Casos Válidos		426	